

Não há
pressa
de
chegar

FELIPE LUIS DA COSTA

1 – Sexta-feira Santa

A subida era íngreme e a Kombi não aguentou. Abri a porta e pulei para fora para ver se vinha algum carro. A estrada não tinha acostamento, o Zagaia teria que descer uns 200 metros em marcha ré e fazer uma curva para estacionar em uma vendinha. Estávamos no meio do nada.

- Corre, filho da puta! –gritou ao me ver descer caminhando, com a camiseta no ombro.

Corri, parei no ponto mais aberto da curva, na beira do barranco, e levantei o polegaravisando que a estrada estava livre. A Kombidescia tremendo, como se soubesse o que estava para acontecer.

Foi no dia 4 de janeiro de 2012 que comecei uma viagem inesquecível e imperdoável. Minha vida nunca mais seria a mesma desde o dia em que saí do Brasil, com a Mariana, pela primeira vez. Talvez seja demais querer ter tudo para ser feliz, e o que eu tinha era demais, mas sempre falta alguma coisa. Menos de um ano antes conheci Emilio Zagaia, na casa da família Rodrigues, em um almoço de sexta-feira santa.

Ele que abriu a porta da chácara onde vive com os pais e, como mais tarde notaria ser característico, me recepcionou com um sorriso e uma piada, falando uma mistura de idiomas.

- Que onda, cabrón! Então esse é o gaúcho safado que tá pegando a minha sobrinha? –apertou a minha mão rindo enquanto abraçava e beijava a Mari.

Ela falava do tio como se descrevesse um super-herói só dela. Divertido e diferente. Com a idade que quer ter, não importa quando. E na verdade eu já o

conhecia. Passaram dez anos, umas tatuagens a mais, mas parecia ter os 30 de quando participou de um reality show.

Caminhamos os três até a beira da piscina, a família estava toda ao redor de uma mesa de plástico, bebendo cerveja. Era meu primeiro encontro com a minha sogra e, como um dia meu irmão me ensinou, estreei no time trocando passes, sem fazer muita graça.

- Ano que vem, se Deus quiser, vou passar a páscoa na Costa Rica – disse Emilio saindo da piscina e puxando conversa comigo.

- A viagem de Kombi? A Mari me falou... – respondi.

Mastigando uma azeitona, o Zagaia começou a me explicar o plano da produção do documentário sobre felicidade enquanto o DoutorDácio, pai dele, me trazia uma dose de cachaça, Dona Léa, a mãe, me trazia a primeira lata de cerveja e a Mari a segunda. Eu mesmo busquei a terceira.

Ele viajaria do México até o Brasil em uma Kombi comprada no Caribe dois anos antes, dos tempos em que trabalhara como instrutor de mergulho em cavernas. Havia se mudado para lá depois de viver na Europa, Estados Unidos, Austrália e Tailândia.

Não foi o mar azul-turquesa que atraiu Emilio, mas a água cristalina dos cenotes, rios subterrâneos que fazem de Tulum um dos melhores lugares do mundo para o mergulho. Quando chegou, desceu do ônibus e abriu a carteira para ver quanto tempo tinha dentro. Perguntou no primeiro restaurante onde poderia encontrar Renato, um brasileiro que conhecera pouco, quando passou algumas semanas na cidade para gravar um programa de televisão. O novo amigo lhe arranhou o emprego, mas ainda precisaria de um carro grande para levar os clientes até a entrada das cavernas. E por sorte, acaso, destino, ou mesmo pela vontade de Deus, cruzou por uma Kombi branca alemã, ano 1971, enquanto caminhava na principal

avenida de Tulum. Era uma Westfalia com quase 1500 quilômetros rodados.

Leopoldo e a esposa Sole haviam estacionado o carro na praça, em frente ao ponto onde vendem, sempre que há sol – e sempre há, seu artesanato. Há meses tinham começado a conversar sobre uma viagem para a Europa, mas precisavam de mais dinheiro. Guaira e Tiel haviam se criado ali naquele carro, mas tinham que vendê-lo. A mais velha nasceu na Costa Rica, onde os pais compraram a Kombi, e viajou até Tulum, onde nasceu o caçula. Decidiram que viveriam ali, no Caribe, mas a vontade de viajar não diminuía desde que deixaram a vida de bancários na Argentina.

O almoço estava servido antes de o Emilio conseguir terminar a história e fui caminhando abraçado com a Mari até a sala de jantar. Dona Léa correu da cozinha até a mesa, as mãos queimando de segurar a travessa com o bacalhau.

- Você não tem frescura com comida, né? Se tiver, não vai entrar na minha Kombi. –disse Emilio para uma mulher que não me havia sido apresentada.

Ela estava tomando sol na piscina, e sentou-se tímida ajeitando o cabelo úmido sobre um dos ombros. Reparei que a cena era comum quando vi o sorriso no canto da boca das outras mulheres na mesa, provavelmente ela não estaria no dia seguinte. Dona Léa encheu o prato da moça e repetiu o que havia dito para mim quando cheguei: “sinta-se sempre em casa aqui”.

Foram 700 quilômetros sonhando com 17 países até chegar à rodoviária de Florianópolis. A Mari dormia com a cabeça encostada no meu ombro e, apesar dos devaneios, era só aquilo o que eu queria: ela sempre do meu lado, dormindo silenciosa ou falando com um sotaque daqueles que vêm junto com um sorriso.

Assim passaram-se meses. A vida ia bem, seguindo a agonia sem motivo de sempre. Me formaria em jornalismo em pouco mais de um ano, trabalhava como professor de inglês em uma empresa e tinha um

bom estágio na universidade. Era o suficiente para pagar o aluguel do apartamento que dividia com dois amigos, mas os dez últimos dias do mês eram iguais desde que eu deixara a casa dos meus pais.

E foi em um dia desses que recebi o convite que, por certo tempo, mudaria tudo.

Estava com pressa, não lembro por que. Procurei entre os mais de dez caixas-eletrônicas, mas só encontrei um. Fui para a fila e deixei que as pessoas passassem até que aquele ficasse livre. Sabia que o meu saldo era quase zero e só um caixa tinha notas de dois. Saquei os últimos quatro da minha conta e fui para o ponto de ônibus em frente ao banco.

Cheguei em casa no final da tarde e me deitei no pufe de couro da sala, a pressa envolvia o computador ao meu lado, no chão. Abri o laptop, conferi meus e-mails e nada. Dividia minha atenção entre sites de notícias, Facebook e a mensagem que eu esperava chegar por e-mail. Precisava de mais trabalho, para ter mais dinheiro, para pagar minhas contas, para fazer novas contas. Quatro anos fora de casa e tudo o que eu tinha era um armário e as roupas dentro dele, mas do que eu estava reclamando? E os amigos, e a namorada, e a família? Continuava mudando de página, sem pensar no que eu lia, sabendo que a mensagem não chegaria. Os amigos estavam ali, falando comigo pela internet. A namorada estava lá e me ligaria a qualquer momento. E a família no Rio Grande do Sul, esperando uma visita ou um telefonema há cinco meses.

Entre a troca de páginas, uma mensagem diferente. Era agosto, e desde abril não falava com o Zagaia. Apenas umas duas ou três conversas rápidas desde que o conheci no almoço de páscoa.

- Que onda, irmão?! Bão?

- Fala, Zagaia! Tudo certo. E contigo?

- Tranquilin. Então, dá uma força na divulgação do projeto da Kombi aí em Santa Catarina.

- Claro, vou sugerir pros jornalistas que eu conheço.
- Tenho que conseguir um bom patrocínio.
- Tem uma apresentação feita? Já correu atrás de empresas?
- Preciso agilizar isso tudo.
- Quer ajuda? Posso te dar uma mão. Criar um blog, divulgar na internet...
- Boa.

Pensei que o papotivesse acabado, mas como veria depois, as conversas com o Emilio não são previsíveis e as decisões são instantâneas.

- Então, Felipão. Sou meio bagunçado pra algumas coisas, preciso de alguém mais tranquilo pra ir junto. Tá a fim?

Eu iria. Esqueci os gastos, as dívidas, o trabalho, a faculdade, a família, a namorada.

Não sabia como contar para a Mari, mas tinha certeza que ela adoraria a ideia de eu viajar com o tio. Minha primeira viagem ao exterior, uma grande viagem, uma viagem para lembrar a vida inteira, uma chance única, e talvez só acontecesse por causa dela. Tinha que contar logo.

Desci do ônibus falando no telefone com meu irmão. Achei que ele fosse por meus pés de volta no chão, como fez todas as vezes que falei em viajar. Mas se entusiasmos com a ideia, com as possibilidades, talvez com a chance do mais novo deixar de dar despesas. Segui caminhando até a universidade, rindo sozinho empolgado, pensando na empolgação da Mari.

Na entrada do curso de jornalismo, recebi uma ligação do Zagaia pedindo o número de um telefone fixo que ele pudesse ligar. Entrei em uma sala e parei

ao lado do telefone. Adona da salachegou e avisei, rindo, que estava esperando uma ligação. Sentei atrás da escrivaninha e o ouvi mais empolgado do que eu.

- É Deus, irmão. As coisas não acontecem por acaso. Tá a fim de fazer essa viagem mesmo? Posso contar contigo?

- Pô, claro!

- Mesmo? Tem que ter certeza!

- Eu tenho.

- Já falou com a Mari?

- Ainda não, tava indo contar pra ela.

Eu ria enquanto respondia às perguntas. Entre uma e outra piada, queria saber se eu falava inglês, espanhol, se gostava de mergulhar, se bebia demais, se fumava maconha, se sabia falar no vídeo, se entendia um pouco da gravação de um documentário. E foi uma gargalhada que fez a Mariana parar no corredor em frente à sala e olhar para mim confusa. Acenou e foi caminhando sorrindo em minha direção. Cabelo amarrado em um coque, bolsa pendurada no ombro direito, tatuagem aparecendo no ombro esquerdo. Linda, como só ela é.

- Ei, posso saber com quem você ri tanto aí?

- Seu tio, vem aqui falar com ele!

Minha vida virou a viagem e todo o resto ficou para depois. Fui atrás de entrevistas em televisão, matérias em jornais do país inteiro, fotos com políticos, propaganda em internet, apoio de time de futebol, a criação de um blog. Na minha cabeça, mostrando o potencial de propagação que a ideia da viagem tinha, ficaria fácil conseguir um patrocinador.

Até que eu desci na Rodoviária do Tietê e segui minhas anotações rascunhadas atrás do meu extrato bancário. Era só pegar o trem até a próxima estação e depois dois ônibus até São Bernardo do Campo. Caminhar um pouco, encontrar o Zagaia na frente da sede de uma das maiores fábricas de veículos do mundo e ir para a reunião com o diretor de marketing. Ele havia nos chamado, alguma coisa queria. O Emilio achava que não era bem assim.

Passamos pela área de montagem de carros, por salas cheias de engravatados, e esperamos por trinta minutos o diretor. Mas o doutor estava em um almoço importante, nos disse a secretária – a mesma que marcou nossa reunião para às duas da tarde. Então outro funcionário ouviu em quinze minutos nossa apresentação do projeto, balançando a cabeça e repetindo que era muito interessante enquanto olhava para o relógio. Esperei em silêncio o Zagaia explicar o propósito da viagem, contar que estava reformando toda a Kombi, que a havia pintado com as cores do Brasil e que os custos não seriam altos comparados à pretensão do projeto.

Realmente, não era bem assim. E se repetiu em todas as visitas e ligações para as grandes empresas que eu havia listado no fundo de tela do meu computador.

Tínhamos que fugir da burocracia e da enrotação, buscar apoio de familiares e amigos, de quem talvez não fosse ganhar nada por nos ajudar. Faltava pouco para chegar janeiro e faltava muito dinheiro para o suficiente, o necessário. Câmeras custam caro, gasolina custa caro, ir de avião até lá custa caro. A vida de todos ao redor teria que virar a viagem. Minha vida havia virado a viagem, a do Zagaia era há muito tempo, a da Mariana parecia, mas nunca seria.

2 – Pagamento adiantado

Um ano após conhecer o Emilio, estávamos reunidos de novo em um almoço de sexta-feira santa, mas bem longe da Costa Rica. Eu arrancava pedaços da primeira batata com uma faca quando Don Victor pediu, rindo, para eu sair da frente da gaveta. Pegou um descascador e pelou a batata em segundos, atirando as cascas dentro da pia.

De avental ele não ficava tão turrão como com o uniforme da oficina, e as mãos gordas pareciam gostar mais de cozinhar do que de consertar o motor de uma Kombi velha. O bacalhau ficaria pronto em algumas horas, não tem porque ter pressa. A verdade é que eu tinha muita pressa de sair da Cidade da Guatemala.

O Zagaia estava na sala, com o computador no colo, rindo enquanto digitava. Eu também não fazia nada demais até que Don Victor gritou dizendo que se era para comer e dormir pelo menos alguém tinha que descascar as batatas.

Terminei e sentamos à mesa para esperar. O velho Victor não esperaria, descobrimos isso no terceiro dos mais de vinte dias que ficamos na casa dele. Sem carro, acordamos atrasados e quase perdemos a carona até a oficina.

Wendy e o filho Victor Junior se sentaram conosco e começamos a conversar, meio em espanhol, meio em português, sobre o Brasil. Por que eles não mudavam para lá? Se Don Victor não era feliz ali, por que ficar?

O papo mudou de rumo quando Wendy nos pediu para falar mais sobre a Kombi. Aproveitei que o Emilio estava mastigando um pedaço de pão maior que a boca e continuei a história que ele havia começado a contar na noite anterior. Tinha ouvido tantas vezes que não faltariam detalhes, já era a minha história. Segurei a raiva que estava daquela Kombi e mantive a versão apaixonada, e com razão, sempre contada pelo Emilio.

Ele estava guardando os cilindros no portamalas, ainda de roupa de borracha, e esperava o casal

de italianos voltar do vestiário. De longe, vinham conversando e apontando para o carro.

- Nosso sonho é viajar num Volkswagen desses pelas Américas – disse a mulher, sorrindo e dando tapinhas na lataria.

E assim expliquei para Wendy como ele roubou o sonho dos italianos para si, pintou a Kombi de verde e branco com um losango amarelo na frente e voltou ao Brasil para juntar dinheiro para a grande viagem.

O bacalhau estava na mesa, e enquanto servia a todos, Don Victor, que escutava a conversa da cozinha, interrompeu.

- Garoto, tanta câmera cara que vocês compraram e perdendo tempo com essa carroça velha? Podiam ter investido no carro – disse, com a voz rouca de quem fumou a vida inteira, limpando as mãos no pano de prato pendurado no ombro.

A Kombi era a vida do Emilio. As nossas poucas brigas aconteciam por eu não dar tanta atenção a um carro, por eu não me preocupar tanto com vidros brilhando, por não querer entender de carburador e tempo do motor. Esse carro é a razão de tudo isso estar acontecendo, eu sei. De tudo isso, inclusive os problemas. Mas para ele era um objeto sem preço, quase um filho. E por isso respirou fundo para responder.

- As câmeras são caras, sim. Mas economizamos no que foi possível e compramos o mínimo necessário para um trabalho com qualidade profissional.

Era o segundo dia de 2012 quando o Zagaia chegou aos Estados Unidos para comprar a câmera que usaríamos na gravação do documentário. Miami ficava a duas horas de vôo de Cancún: valeria a pena por não desviar a rota da viagem, pelo preço mais baixo do equipamento e por poder aproveitar as duas semanas na Flórida para rever a irmã e as sobrinhas.

Mas, e se comprasse os equipamentos errados? Estaria esquecendo alguma coisa? No aeroporto, ele

esperava o cunhado ir buscá-lo, olhando para a tela que indica as chegadas e partidas, sentado com uma mala de um lado e uma caixa de metal quase do tamanho da teimosia dele do outro. Miami-Cancún, sonhava com aquilo há dois anos, voltar a mergulhar numa água tão cristalina que parece não existir, dentro de uma caverna que parece mais a lua do que a terra.

Tony chegou com o cabelo amassado e cara de sono, sem uma plaquinha com seu nome, mas com um sorriso no rosto. Buscava o cunhado sem reclamar. Queria saber coisas que nem o Zagaia sabia: Qual o trajeto da viagem? Tem roteiro? Sempre escutou que a América Central era muito perigosa.

- Você tá mesmo preparado?

- O caminho vai aparecer pelo caminho, não tenho ideia do que vai acontecer – respondeu Emilio coçando a cabeça.

Um abraço maravilhoso o esperava na chegada, e ele sorriu de volta quando a irmã levantou do sofá para recebê-lo. O silêncio da madrugada combina com o jeito calmo da Adriana falar, mas em algumas horas a casa estaria agitada, assim que as três meninas vissem o tio depois de acordar. Sem problema, toda família tem seu ritmo e o Zagaia se adapta a todos com facilidade.

Levava na escola e saía para fazer compras. Comprava doces e jogava videogame. Ajudava a convencer o pai a deixar sair com as amigas. Em frente ao computador, pensava nos equipamentos para a viagem até a hora de buscar as sobrinhas.

- Dri, esses dois vão pirar em Tulum – viajava enquanto anotava o preço dos tripés na agenda.

Foi quando a Mariana abriu a porta devagar e pediu licença. Eu e o Tony vínhamos atrás com as malas.

- E aí, casal! Felipão, chega mais que eu quero te mostrar umas paradas. – disse o Zagaia, sentado na mesa de jantar, mexendo no computador.

O humor da Mari mudou no momento em que olhou para o tio. Ela ficaria um mês desviando o olhar e evitando conversar com ele.

Sentei para ajudar a escolher o equipamento, já escolhido. Concordava com tudo que me mostrava: walkie-talkie, chave de boca, de fenda, chave inglesa. A câmera com gravação em alta definição e o programa de edição que eu teria que instalar no computador novo. Minha cabeça só pensava que eu escreveria e como eu escreveria. Mas não podia esquecer as luvas, os tripés ou um parafuso que fosse necessário durante a viagem. E a Mari. Ela me olhava com saudade, embora fosse ficar mais dois meses comigo e com o tio em Tulum.

Fui até a cozinha e comecei a conversar com a Adriana, irmã do Emilio, e ele largou o computador para ir com o Tony até a garagem.

- Tem que ter muita paciência, Felipe. Relacionamentos não são fáceis, é muito tempo junto – me disse a dona da casa.

Adriana tinha um jeito zen. Falava pouco, com a calma de quem parece ter vivido muito. Concordei acenando com a cabeça, sem saber se ela falava do irmão ou da sobrinha, quem observava sentada no canto do sofá da sala, e parecia que não sairia mais de lá. Sem expressão, me viu indo feliz atrás dos tios na garagem, onde Tony pegava instruções de como usar um aparelho de musculação.

A casa da família Noisom era grande. Mas parecia pequena com oito pessoas dentro, quando as três filhas chegaram da escola. As mais velhas me saudaram em português e foram para o quarto, e a mais nova perguntou se eu falava inglês e se gostava de jogar videogame. Não era um pedaço do Brasil nos Estados Unidos, mas uma mistura, como se os dois países fizessem fronteira e eu estivesse na divisa.

O casal se conheceu quando Adriana se mudou para Miami. Tony me contaria, em uma partida de basquete mais falada do que jogada, como amava a esposa e como foi que se encontraram.

Ela saiu do Brasil com o dinheiro que havia guardado para um vestido branco e uma grande festa. Depois de nove anos de namoro, desistira do noivado e foi para a Califórnia estudar inglês. Mudou-se para Miami porque tinha uma amiga que morava na cidade, ficaria na casa dela até quando quisesse, sem compromisso. Ou até o novo compromisso.

Não lembro se foi para esquecer um amor ou só para ser esquecido, mas Tony saiu de Nova York para alugar apartamentos na Flórida. E na piscina do condomínio onde morava, via, sempre de longe, uma brasileira tomar sol. Sabia que era brasileira pelo biquíni e pelo corpo da moça, e um dia tomou coragem para dar um mergulho e sair do outro lado da piscina, na frente dela.

- Muchacha bonita, quer ir ao cinema?

Não deu certo.

Cruzavam-se, mas parecia que ele não teria chances. Até que a viu na rua, em frente a um carro com o capô levantado. Tony fingiu entender de mecânica enquanto encostava nas peças do motor.

- Tem que chamar o mecânico – concluiu o especialista.

E assim encontrou a brecha para convidar Adriana para sair pela primeira vez. Em oito meses, a brasileira e o nicaraguense se casariam nos Estados Unidos. E 18 anos depois eu estaria lá, sendo tratado

como se fosse um dos filhos de um casal que acabara de conhecer.

- Calma, gente. Não vou passar frio – disse para os dois enquanto arrumava minha mala.

Havia levado somente, ou menos que, o necessário para a viagem: uma mochila com meu computador, escova de dente, um casaco, algumas camisetas, duas calças, cuecas, meias e um par de tênis. As havaianas emprestadas de um amigo tinham arreventado, então peguei um par novinho do Zagaia. Meus irmãos haviam me dado, depois de pagar minhas dívidas, pouco mais de 500 dólares para os primeiros meses. Por isso eu relutei e gastei contrariado 120 em uma única peça de roupa para frio. “Polar extreme”, estava escrito na gola da malha que me ajudaria a suportar temperaturas abaixo de zero no Chile, ou não. Isso mais um gorro, um cachecol, um moletom e alguns cafés escondidos na Starbucks com a Mari e me restavam 300 dólares. Ainda precisávamos das dezenas de fitas para a câmera antiga que o Emilio queria levar como reserva e as ferramentas para “se por acaso precisássemos consertar o carro”.

Quem não conhece pode pensar que ele é desleixado e desorganizado. Não que se preocupe muito com planos, mas o Zagaia era minucioso com a logística da viagem. Não sabíamos por quais cidades passaríamos, mas ele tinha que levar apitos, caso um ficasse distante do outro e precisasse pedir ajuda, fita isolante para algum remendo e demorar trezentas horas até achar uma chave de fenda pequenininha que “podia salvar nossas vidas”.

Por que eu tinha que esperar no corredor daquela loja gigante de departamentos? Queria conhecer a praia, ir a algum bar, sair para jogar sinuca, caminhar pelo centro de Miami. Eu não precisava ir junto comprar a chave que ele fez um atendente buscar do outro lado daquele shopping de ferramentas. E a Mari parecia pior do que eu, apenas observava o tio me

explicar os detalhes e os motivos de cada objeto, não tinha atenção nem minha nem dele.

Voltamos e a Adriana estava ao telefone, tentava organizar o churrasco que fariam para nós no final de semana. Emily, a filha mais nova, de 8 anos, estava sentada de joelhos em uma cadeira da sala, no computador, ouvindo música eletrônica. "I'm in Miami beach, I'm in Miami beach, I'm in Miami beach", repetia o refrão, e se tivesse caixas de som maiores talvez ela derrubasse a casa, e eu o Zagaia ficamos rindo enquanto a mãe gesticulava para ela diminuir o volume para poder conversar. Viriam amigos da família e conhecidos do Emilio na cidade, alguns brasileiros.

A Mari não conversava com o tio nem com a tia e parecia mal conhecer as primas. No churrasco, procurava os lugares vazios da casa ou ouvia as conversas calada ao meu lado. De madrugada, Tony e Emilio, os dois enrolando a língua como eu, me perguntaram o que ela tinha.

- Não sei direito, ela não me fala. Diz que tá tudo bem, eu não sei o que fazer - respondi meio bêbado e quase tão alto quanto a música da Emily.

Contei que no dia que o Emilio ligou para me convidar para a viagem ela largou a bolsa na mesa e sem entender nada encostou o telefone na cabeça. O sorriso se abriu ainda mais no "oi, tio!" que ela deu ao atender, mas foi fechando segundos depois de ouvir as primeiras palavras.

Em oito meses de namoro, pela primeira vez senti o ar pesado ao redor dela, e me senti triste antes mesmo da primeira lágrima. Logo com ela, com quem nunca havia choro, nunca havia tristeza, porque no final tudo virava piada, e assim eu esperava outro sorriso. Mas chorando ela fingiu gostar da ideia e se despediu.

Tentei dar um abraço quando me passou o telefone, mas evitou ao me olhar com a boca tremendo e os olhos cheios d'água, antes de sumir no corredor.

- Ela ficou assim até o convite pra viajar junto os primeiros meses, durante as férias. Parecia tudo bem resolvido.

- Nossa, cara, tomara que um dia a minha sobrinha me perdoe. Deus sabe que quando eu te chamei pra essa viagem pensei nela, tinha certeza que ela ia achar demais – lamentava o Emilio enquanto o Tony olhava para o nada, pensativo.

- Vocês já viram como o tempo tá passando rápido? – disse, em inglês.

- Tony, tu é um *pendejo* mesmo, não tá nem ouvindo o que a gente tá falando! – riu o Zagaia.

Só restávamos eu e Wendy na mesa da sexta-feira santa guatemalteca. Ela me ouvia contar o começo da história calada, como uma boa psicóloga, com cara de pena a me ver quase chorando e depois de já ter ouvido minhas reclamações antes do almoço.

- Há coisas na vida que exigem pagamento adiantado, Felipe. Depois vêm os resultados e a satisfação. Hay que pagar adelantado! Tudo há de melhorar.

3 – A Kombi e o quartinho

Nunca vou esquecer quando vi ela pela primeira vez. Bem diferente de agora, parece que a vi nascer. A Kombi estava desmontada na mecânica do gordo Balazo e pegaria a estrada em duas semanas.

Emilio limpava o dente, sempre o mesmo dente, com um canudo. Olhava para o carro sem falar nada. O mexicano gigante passava a mão na barriga e explicava porque os vidros não estavam montados, as rodas não estavam onde deviam, a pintura estava sem retoques e os bancos estavam no chão, do lado de fora. O carro não estava.

Fui a Valladolid, cidade vizinha a Tulum, depois de uma semana no México. Ela estava lá antes da nossa chegada. Poly cuidou da Kombi por dois anos até que o Zagaia voltou para buscá-la. Ninguém acredita que um cara possa comprar um carro e depois de seis meses devolver para o dono, mas foi o que aconteceu. Poly recebeu dinheiro para reformar o motor, refazer a pintura, trocar o estofamento dos bancos, consertar todos os detalhes. Padrão México, se é que existe.

Havia conversado com Poli uns dias antes. Uma conversa serena, com um cara otimista, que está sempre rindo e que via aquela viagem como uma grande aventura, algo positivo. Era o único conhecido na cidade com quem conversava sobre Deus, sobre o que ele acreditava de verdade. Admirava o argentino desde a primeira conversa. A coragem dele e da esposa de saírem para *un recorrido* de seis meses pela América e decidir continuar até encontrar seu lugar no mundo ali, em Tulum. Ele trabalhava como bancário e ela como fisioterapeuta. A vida estava tranquila, mas não era plena. Faltava alguma coisa. Ouvir as histórias dos viajantes e ver as fotos de lugares impressionantes parecia melhor do que a vida segura em Córdoba. Mas e se tivessem filhos? E o plano de saúde? Poli voltou do banco com a ideia na cabeça, abriu a porta de casa com pressa, sorrindo, e deu de cara com a esposa, pronta para abrir a porta e sair.

- Vamos viajar!

O que incomodava o Zagaia não era a Kombi longe de estar pronta, mas o começo da viagem não ser como ele sonhara. Esperava tudo mais fácil, um clima bem mais agradável. O projeto que ele havia batalhado tanto para acontecer era mais importante que o namoro da sobrinha, não tinha o que ser entendido. Ele estava feliz até o dia da nossa chegada a Tulum.

Ele nos deu um único ponto de referência para encontrá-lo. A casa fica ao lado da Fruteira Tulum, e isso indica o tamanho da cidade. Só que há duas fruteiras com o mesmo nome e nem os taxistas conheciam. Paramos na calçada e largamos as malas, era impossível encontrar.

Ninguém atendia, mas a Mari continuava discando o número de um amigo do tio. Ela estava havia meia hora na frente do telefone público quando eu vi chegar caminhando bem devagar, sorrindo e abraçado na namorada, Emilio Zagaia.

- Qualé, mamón!

- Qualé nada, Emilio. Ninguém atende esse número que tu passou pra gente.

- Calma aí, eu não te dei as instruções?

- E fruteira é ponto de referência agora? E porque não trouxe todas as tuas coisas? Fácil deixar pra mim. Te acerta com a Mariana que ela pagou para passar com o rastreador em Cancún.

- Tsc, tsc, tsc – ele balançava a cabeça sem falar nada enquanto erguia as malas da sobrinha.

No aeroporto dos Estados Unidos ninguém reclamou, mas não poderíamos entrar no México sem a nota fiscal daquela caixa de metal que o Zagaia havia deixado para trás em Miami. Ele é muito folgado, foi mais fácil deixar para mim, como se eu não tivesse as malas da Mariana mais as minhas para levar.

Havíamos passado toda a bagagem, era só o que faltava. O fiscal pediu para abrir a caixa e mostrar o que tinha dentro. Não entendia o espanhol do cabrón e deixei que a Mariana falasse com ele. Encontrei a chave na minha carteira e abri o cadeado para mostrar o aparelho. Mais cinco mexicanos nos rodeavam e não acreditavam que aquilo fosse um rastreador, nem que eu viajaria dali até o Brasil em uma Kombi. Riam e conversavam como se soubessem que eu não entendia nada quando eles aceleravam nas piadas. Quanto custava aquilo ali? Eu não tinha ideia, não era meu nem do Emilio e por isso não podia ficar preso no México. Entramos no país com setenta dólares a menos. Impostos, claro.

Andamos duas quadras até chegar à casa onde o Zagaia estava havia uma semana. A avenida central, que na verdade é a estrada que liga Cancún a Chetumal, tinha restaurantes e albergues, duas sorveterias, um posto de gasolina, uma loja de conveniências e uma farmácia. Tirando o mais importante, aquilo era Tulum. Dobramos a esquina e vi a fruteira. Ao lado, a palapa onde ficaríamos por duas semanas.

Ele levantou a corrente e empurrou o portão de madeira. Abaixamos a cabeça para passar por baixo dos galhos de uma árvore e cruzamos pela grama alta. Um labrador preto se espreguiçou na grama e nos seguiu para dentro da casa. O computador do Emilio estava na mesa e a mala aberta ao lado de uma cama. Não havia espaço para todos ali, a louça suja mostrava que era uma casinha de solteiro e normalmente solteiros não querem visitas por muito tempo.

- Então, aluguei um quartinho aqui perto. Baratinho e tem o que a gente precisa.

- Hmm, pois é, tu tinha dito que tinha uma casa pra gente ficar.

- Relaxa, tudo no ixxxquema. Trouxeram tudo que eu deixei lá?

- Então, tiramos daquela mochila e colocamos nas nossas malas, senão não ia dar pra carregar. A câmera velha a gente deixou lá.

- QUÊ?! Tá de brincadeira...

- Sério, era muita coisa, e tu já trouxe a digital mesmo, né?

- Eu não acredito. Felipe, tu não me viu gastando 100 dólares em fita? Não te disse que queria ter uma câmera de reserva? E se acontecer alguma coisa com essa, o que a gente faz?

- Calma, tio, aquela câmera não prestava pra nada.

- Como não prestava, Mariana? Tenho ela há mais de dez anos, a câmera que eu uso pra gravar imagens sub. Tamo começando bem essa viagem...

Entramos numa pequena taqueria na Avenida principal, onde jantaríamos quase todos os dias. Tortilhas de milho com carne de porco, guacamole, cebola e pimenta por 7 pesos. Com o equivalente a dois dólares nós passávamos a noite em Tulum, sem o glamour de Playadel Carmen ou o luxo de Cancún, mas todo dia ouvindo uma história diferente. Fui pagar a conta enquanto a Mari conversava com a nova namorada do tio e ele batia um papo em português com um casal de brasileiros. Renê e Joana andavam abraçados como se fossem se separar em breve. Se bem que eu não andava tão abraçado assim.

No caminho para buscar as malas, o Zagaia para e começa a conversar com outros conhecidos. Em menos de 20 segundos ele saí com uma chave na mão.

- A gente vai com aquele carro ali, pra não cansar as madames que carregaram muita mala hoje. - falou apontando para uma camionete a poucos metros.

Fiquei preocupado quando cheguei na primeira casa. Sozinho não me importoem ficar em qualquer lugar, mas me incomodava muito ver a Mari desconfortável. E quando chegamos com o carro lotado

na segunda casa, vi que não aguentaria ficar ali com ela por muito tempo.

- Acho que não tem por que mais do que isso. É barato comer fora mesmo, tá mais do que bom. – disse o Emilio enquanto carregava um colchão para dentro.

Na verdade era um quarto. E vazio. Sem camas, sem móveis, com vários pregos em todas as paredes. Pegamos emprestado da primeira casa um colchão, onde o Emilio dormiria com a namorada, e o tapete de ioga onde o labrador preto descansava, que eu dividiria com a Mariana.

Fui ao mercadinho na frente da casa e comprei produtos de limpeza e uma vassoura.

- É assim que você vai limpar? – me provocava o Zagaia.

E ela séria, sem olhar muito para o tio, encostada na parede, com nojo das baratas que eu varri dos cantos do quarto. Ficava com pena, eu limpava mais por ela do que por mim. Se pudesse, pagaria um quarto de hotel para ficarmos, mas um mês e meio seria muito para o meu planejamento. Ela começou a varrer enquanto era observada pelo tio, pela janela. Ele riu e pediu para ela varrer direito.

- Eu não vim pra cá pra varrer barata.

O jeito que ela disse aquilo machucou o Emilio. A mãe dele varreria, as irmãs varreriam. Por segundos não a reconheci. Não precisava olhar para ela para saber o que incomodava, mas a maneira que falou antes de largar a vassoura era diferente. Ela queria ir para a praiacom o namorado, sem o tio, viajar não era conhecer pessoas, mas ver novos lugares.

Quando ela colocou os chinelos para tomar banho o sol entrava fraquinho pelos vidros quebrados das janelas do quarto. Com menos luz, as paredes verdes do quarto ficavam ainda mais escuras no

banheiro, com uma cor de musgo. O chão era grudento, a janela não abria. Tirou a roupa e encarou a água descer direto do cano, fria, gelada. Prendeu o cabelo e olhou bem ao redor. Não era nada com o que sonhara, mas não era isso que dava vontade de chorar. Sabia que estava perdendo o namorado e que tudo mudaria em seis meses.

Deitou-se ao meu lado e se encolheu mesmo sem sentir frio. Abracei-a para falar da praia nos dias seguintes, nos tacos e burritos, do camundongo que tinha entrado por debaixo da porta.

Todo mundo levantou. Zagaia erguia as malas e bolsas com a vassoura e as meninas se espremiavam num canto, em cima do colchão. Até que o rato correu na direção delas e fez saírem gritando para o outro lado. Levantamos o colchão e o Emilio encurralou o ratinho, que pulou para dentro da nécessaire velha que ele tinha ganhado 10 anos atrás no Big Brother.

Ele atirou o rato no pátio e se deitou como se nada houvesse acontecido. A segunda vez foi a Mari quem viu. Havia uma fresta de uns três centímetros entre a porta e o chão, por ali que ele, ou eles, entravam. Levantou quase chorando e eu recolhi as roupas e fechei as malas. Só havia o caminhão do exército na avenida quando passamos carregando tudo até o hotel.

De manhã, antes do Don Honório montar sua barraca de *desayuno*, Emilio bateu na porta e nos acordou. A Mari voltou a dormir e nós dois saímos para conversar, sentados em um banco, no corredor do hotel.

- Felipão, não tô gostando do que tá acontecendo.

- Emilio, tenho que pensar na Mari também, não só em mim.

- Você tem que pensar no projeto e na viagem que a gente tem pela frente. Não tinha que gastar em hotel, vamos precisar muito de grana mais pra frente.

- Pega leve com ela, Emilio.

- Felipe, eu amo a minha sobrinha, só não aguento frescura e não vou mimar ela como você faz.

- Não é fácil pra mim também, esse namoro não dura até o Brasil.

- Muito mais fácil pra você do que pra mim. Namorada você arranja outra, e sobrinha, como eu faço?

O mecânico havia prometido a Kombi pronta em duas semanas. A namorada do Emilio tinha ido embora e a minha decidiu adiantar a volta. Ela ficaria até março, mas pelos problemas com o tio resolveu cortar um mês da viagem.

Na trégua de uma guerra não declarada, fui ver o Mar do Caribe pela primeira vez. Por 50 pesos o taxista nos levou do *pueblo* de Tulum até a praia de ZazilKin. Em cinco minutos o carro estacionou na areia. No caminho, o asfalto se misturava com as árvores do Parque Nacional, turistas passavam de bicicleta ou pedindo carona, o vento entrava no carro com um cheiro de mar e floresta. Subimos uma duna e vi. Nunca vou esquecer a primeira vez que vi aquele mar azul turquesa. A Mari batia fotos enquanto eu subia com a mochila nas costas. No topo, comecei a rir sozinho. Um azul turquesa mais azul que o céu, brilhando com o sol batendo em cima, como se houvessem diamantes lá dentro. Uma pipa puxava um

cara em uma prancha lá no fundo, e de cima da duna eu via as pessoas pequenininhas tomando sol.

Descemos para encontrar o Emilio, que assistia a uma partida de futebol a uns 20 passos de onde entramos. Nove em campo, mas "a coluna não me deixa jogar, Felipão". A Mari estendeu a canga e se deitou do lado do tio, e eu entrei quando um dos mexicanos acenou.

- Esse é o nosso time – me disse um gordinho baixinho, apontando.

Estavam todos sem camisa, esqueci quem era meu time e me concentrei na bola. É Brasil, porra! Era fácil.

Roubei a bola, passei por dois, toquei na saída do goleiro e corri para o abraço. GOL! Saí comemorando e quando voltei para o campinho os mexicanos estavam conversando em círculo.

- Sem problema, hermanito, mas tu fizeste o gol do lado errado.

O Emilio e a Mari riam juntos, que golaço. Eu ria sozinho, de frente para um mar tão azul que parecia ter luz dentro. Em uma partida com quatro mexicanos, um sueco, um finlandês, um americano, um alemão, um argentino e um brasileiro. Tulum contra o resto do mundo, diziam os mexicanos. Tulum ganha fácil.

4 – Acordate, Felipáum

Estava escuro. Não havia sinalização e, fora os faróis dos carros, a única lâmpada acesa naquela estrada era a da minha lanterna. Sinalizava fazendo um xis no asfalto sempre que alguém se aproximava e dizia não aos poucos que ofereciam ajuda. O que eu podia fazer era esperar e cuidar para não ser atropelado.

Tudo aconteceu no dia em que eu conheci o Poly. Precisávamos ir a Cancún encontrar o mecânico que refez o motor da Kombi e buscamos o argentino cedo para nos mostrar o caminho. Quando paramos em frente à casa dele, os filhos fizeram uma festa dentro do carro. Taiel, de 2 anos, sentou no banco do motorista e a irmã Guaira, de 9, abria as gavetas e olhava como se fiscalizasse para ver se estava tudo como ela e os pais tinham deixado. Fiquei conversando com Sole enquanto Poly explicava para o Emilio que o macaco hidráulico embaixo do banco valia mais do que a Kombi.

- *Atención, Emilio! No haymas de esosoriginales! São como os móveis do interior desse Volkswagen, una reliquia.*

Paramos para tomar nosso café da manhã rotineiro na barraca do Don Honório.

- *Três tortas de lechón. Light, por favor.* – pediu o Emilio rindo enquanto eu comprava três copos de suco de laranja na tenda ao lado.

Paguei os 30 pesos e pulei para o banco de trás. Zagaia fechou minha porta, a porta do Poly, conferiu alguma coisa do lado de fora do carro e entrou. O motor se debatia como se estivesse solto dentro do carro.

A estrada ainda refletia a luz dourada da manhã quando passamos a entrada de Akumal, que fica a exatos 100 quilômetros do centro de Cancún. Ali, antes de ir embora, a Mariana desceu comigo de uma das

vans que saem todos os dias em direção ao leste da península. Caminhamos, cruzamos um pórtico de hotel e caminhamos mais. Perguntamos onde estavam as famosas tartarugas, que só víamos desenhadas nas paredes, e nos mandaram seguir em frente. Um jipe levantou poeira da estrada de terra quando passou lotado de turistas gritando. Havia gente indo naquela direção, bom sinal. Depois de 20 minutos paramos na entrada de um resort e o porteiro indicou onde estavam *lastortugas*. Do outro lado.

A felicidade sempre foi um mergulho no mar, ou recarregar as baterias no sol, como fazia a Mari. As tartarugas caguamas estavam a 50 metros de onde ela se esticou para torrar, mas o medo do mar não deixava. Desistimos de nadar com tartarugas do tamanho de uma criança, mas nos divertimos vendo uma caçando um tesouro escondido no caribe. O pai contava em inglês a história que um pirata havia escondido ali, na praia onde nadavam animais que botavam seus ovos na areia, um baú com moedas de ouro e muitos, muitos brinquedos. O menino, de no máximo 8 anos, se divertia catando tampas de garrafa e moedas que encontrava com um detector de metais. A felicidade era voltar a ser criança.

E se o outro grupo de crianças passava com coletes salva-vidas, pé de pato e máscaras de mergulho, nós também conseguiríamos. Ela levantou e sacudiu a canga para tirar a areia. Achei que queria ir embora, mas depois de guardar tudo na bolsa, abriu o sorriso moreno e resolveu encarar.

- O que eu não faço por você, hein?

Nadamos meia hora. Tempo suficiente para ver cinco tartarugas marinhas como se estivessem do outro lado da rua. Ali, onde sempre estiveram. Paradas no fundo do mar como se guardassem o tesouro que o menino procurava.

Acordei do sono no banco de trás. Esfreguei os olhos e me estiquei encostando a sola dos pés

najanela. O Zagaia conversava alto com o Poli e me olhou pelo espelho.

- Acorda, seu cansado. Tamo chegando em Cancún, já
- riu junto com o Poly.

- Acordate, Felipáum! A vida se sonha de olhos abertos!
- disse o argentino, quase gritando.

Era magro e se vestia como hippie: cabelo curto encaracolado com uma uma boina virada para trás e calças harekrishna. Entendia tudo sobre o carro e deu uma aula para o Emilio no caminho. Confiavam um no outro como irmãos. Vou fazer como o Poly disse. O Poly falou que é assim. E ele seguiu o Poly até onde estaria o tal mecânico.

- Onde vocês vão? A gente não ia pra oficina? – perguntei quando os dois desceram do carro na frente de um prédio do exército.

- Precisamos acertar a papelada – falou batendo a tampa do porta-luvas depois de retirar uma pasta.

Esperei, não aguentava mais ficar dentro daquela Kombi quando eles voltaram com a mesma papelada. Poly teria que ir junto até a divisa para podermos sair do México. Ficamos mais um tempo até o mecânico aparecer. Parecia negociação de filme: encontro em local neutro, ele nos guiaria até a oficina. E depois de nos apresentar Don Rafael, Poly foi embora dizendo que tinha um pedido grande de brincos e anéis para entregar até o final da tarde. Don Rafael não se vestia como mecânico, e estava limpo. Abriu uma mochila e tirou uma arma e dois sacos pretos.

- Coloquem na cabeça.

Brincadeira. O que ele abriu foi a caixa de ferramentas para pegar duas chaves de boca. O Emilio ainda respeitava os mecânicos como se fossem sacerdotes, eles sabiam das coisas. Caminhou junto

com Don Rafael e levantou a tampa do motor, na traseira da Kombi. Deitaram-se embaixo do carro e eu só os ouvia cochichar. O que entendi é que precisávamos ir até a casa dele. Levantaram e só a camisa da Copa de 70 do Zagaia estava suja. Qual era o segredo da camisa branca de Don Rafael? Era como o Mr. Wolf de Pulp Fiction, resolveria tudo: os tapetes de borracha seriam comprados no centro e levados até a casa do senhor que faria os recortes sob medida. Regularia o carburador, limparia o motor e nos entregaria a Kombi nova.

Estávamos em algum lugar perto de Cancún quando a fome começou a bater. Eram quase duas da tarde e precisávamos almoçar. Don Rafael continuava com os braços dentro da Kombi, como se fizesse um parto. O velhinho dos tapetes ainda riscava a borracha com giz branco, dentro do carro, quando o Zagaia pediu pra ele sair para poder trancar.

Andamos pelas estradas de terra, procurando um restaurante barato no centro de Cancún. Se estivéssemos na praia, não encontraríamos, mas o centro era tão pobre quanto qualquer outra cidade do México.

- Señor, por favor, donde podemos almoçar? – perguntou para um homem que dobrava a esquina, a duas quadras em linha reta de onde estava a Kombi.

- Almoço para pobres? Por ali – indicou uma casa laranja no final da rua.

Olhei para o Emilio e comecei a rir. Bermuda rasgada, chinelos e uma camisa da seleção brasileira toda suja de graxa. Melhor maneira de encontrar comida barata. Comemos o “almoço para pobres” típico de quase toda a América Central: frango assado, arroz, feijão e salada por 36 pesos. O equivalente a três dólares, fora a *Manzanita*, o refrigerante de maçã.

- Felicidade é mais do que isso, Felipão?

Abri um sorriso sem responder que de vez em quando batia a vontade de comer um big mac.

Na volta, Emilio decidiu descer o morro que havia em frente ao carro para ver um pequeno buraco sob as pedras.

- É um cenote. Tenho certeza que se eles não bebessem essa água teria gente mergulhando aqui – falou, agachado olhando para o buraco do tamanho de uma tartaruga marinha de Akumal.

Achei improvável que alguém mergulhasse em um lugar tão apertado, mas dias depois ele faria isso em Tulum. Mergulharia com um tcheco louco que pesa mais de 100 quilos e desde criança explora cavernas com os pais. LukasTietz contava que sua mãe o segurava pelas pernas e o colocava para dentro dos menores buracos nas cavernas na Europa.

- Isso que é felicidade! *Plumbing!* *Plumbingé* felicidade – respondeu a pergunta que gravávamos para o documentário olhando por dentro de um cano que ele limpava.

São mais de milcenotes em toda Quintana Roo, região onde se localiza Tulum, Playadel Carmen e Cancun. A base de pedra calcária da península foi corroída pela água dos lençóis freáticos em um processo que levou milhares de anos. Minha única tentativa de mergulhar em um lugar assim parou na entrada. Estava na água, com roupa de borracha e cilindro nas costas, e o Zagaia me falava como eu tinha sorte de fazer um primeiro mergulho em um lugar como aquele. Era como se não existisse água, mas o número de detalhes me assustou e parei quando ele entrou na parte fechada do cenote. Eles que eram loucos de mergulhar em um lugar de onde não se vê a superfície.

Os tapetes estavam prontos quando chegamos. A Kombi gastava muito mais do que nós dois juntos. O almoço dela não era para pobres, os mecânicos

indicavam a melhor gasolina e o óleo mais caro para o motor. Só a borracha havia custado 300 pesos, fora o serviço do velhinho. Esperei dentro dela enquanto Don Rafael e Emilio mexiam mais no motor. Li metade de um livro que havia ganhado de um outro velhinho, nem tão velho assim, lá de Tulum, até pegar no sono.

Íamos pelo menos uma tarde por semana na casa do Julinho. Vi ele pela primeira vez quando caminhávamos para o quartinho, havia voltado para lá depois de a Mariana ir embora. Pedalava uma bicicleta antiga e chegou gritando.

- E aí, malaaaandro!

- Faaaala, Júlio César Chaves!

Era português, mas usava expressões brasileiras para fazer graça. Conhecera o malandro através de Renato, o senhor que arranhou para Emilio seu primeiro emprego como instrutor de mergulho. Sorria em cima da bicicleta, com uma das pernas apoiadas no chão. Julinho era bem humorado e contava boas histórias, mas tinha uma expressão triste no rosto mesmo quando sorria.

Éramos recebidos como filhos. Suco de jamaica e biscoitos. "Sentem-se aí, garotos, me contem como andam as festas de Tulum!" Com o sonho de ser arquiteto, contentava-se com a vida de construtor no Caribe. Tinha chegado lá havia anos, depois de viajar pela Ásia e Europa fugindo da ditadura militar portuguesa. No dia em que me deu aquele livro, nos falava do filho adolescente que o visita uma vez por ano.

- Sinto falta do menino, gostaria que viesse morar aqui, mas é complicado. Ele tem os amigos e a mãe dele lá.

Sempre folheava um livro diferente. Eram pilhas em cima da mesa da cozinha. Quando peguei o "Ontheroad", me disse:

- Toda vez que eu leio esse livro eu me surpreendo. Sempre uma visão diferente, é impressionante. E esse aí era viajante feito vocês. Pode levar contigo.

- Mas tu disse que gosta de reler...

- Os livros sempre voltam, daqui a pouco me aparece mais um desses, tenho certeza. O malandro ficou de me trazer o do Chico Buarque em português do Brasil, não deixa ele esquecer.

No nosso último dia na cidade passaríamos na casa do Julinho para nos despedirmos. O homem mais solitário de Tulum lia livros, nadava nos cenotes e deixava garrafas de vinho vazias rolando na varanda da casa. Não precisava de mais ninguém para isso, mas sorriu mais triste quando fomos embora.

- Manda um abraço pra Dilma, malandro – disse virando de costas para entrar em casa antes de sairmos.

Nem sabia onde estava quando abri os olhos.

- Acorda, Felipão. Tá na hora de *volver* a Tulum. Kombosa tá voando! – me chamou antes de bater a porta de trás.

Buzinou e acenou para o mecânico, que terminou o trabalho com a camisa branca impecável. Na saída, quase atropelou uma senhora que passava com um carrinho de mão vendendo copinhos com frutas picadas. Aproveitou as desculpas para pedir informações de como chegar à rodovia. Queria sair de Cancún antes de escurecer.

Encontramos o caminho e tudo ia bem até que a buzina começou a falhar. Passávamos a entrada de Akumal, faltava pouco até Tulum. Uma Kombi vermelha cruzou do outro lado da avenida e acenou. Uma buzina para retribuir, mas não era a mesma buzina. Parecia uma buzina de palhaço, um ganido fino e sem força. Zagaia olhou pra mim.

- Mas ele acabou de dar consertar, não pode ter estragado.

- Não é problema da buzina.

Apontei para a estrada, que ficava cada vez mais escura –os faróis também estavam mais fracos. Os ponteiros do painel caíram para a esquerda. Era uma pane elétrica.

Os faróis se apagaram.

Estávamos a 80 quilômetros por hora e não havia iluminação na estrada.

- Pega a lanterna, Felipe! Rápido! Aponta ali pra faixa branca.

Coloquei metade do corpo para fora da janela e apontei a luz em direção à pista.

- Onde a gente vai parar esse carro?

Não tinha acostamento.

- Vamos tentar chegar assim.

- Tá louco? Daqui a pouco alguém nos pega aí.

O carro perdeu aceleração.

- Apagou, caralho!

Inclinando-se, encostou a cabeça no vidro procurando um lugar para parar. Conseguiu. Mas deixou metade da kombi dentro da estrada.

Tentou ligar, desistiu. Levantou o banco de trás, tinha visto o triângulo de sinalização quando o Poly pegou o macaco hidráulico. Estava quebrado e ele juntou as três partes como se montasse um castelo de cartas. O triângulo ficou de pé até o primeiro caminhão passar raspando e derrubar com o vento. Caminhou uns 10 metros com as mãos na cabeça, sumiu na escuridão

e voltou correndo quando viu uma van vindo em nossa direção.

Pegou as câmeras e os computadores, trancou o carro e levou as chaves.

- Fica cuidando dela aí que eu já volto com a ajuda.

Estava escuro. Não havia sinalização e, fora os faróis dos carros, a única lâmpada acesa naquela estrada era a da minha lanterna. Sinalizava fazendo um xis no asfalto sempre que alguém se aproximava e dizia não aos poucos que ofereciam ajuda. O que eu podia fazer era esperar e cuidar para não ser atropelado.

5 – Renê e o Canguru

A ajuda chegou em um sedan prata. Não tinha ideia de onde o Emilio conseguira aquele carro, até que uma moça de cabelos encaracolados desceu para o ver recarregar a bateria da Kombi. Lembro que duas semanas antes, voltávamos para casa à noite quando ele, sem se despedir, atravessou a rua e foi conversar com ela, que estava sentada em um banco ao balcão de um bar. Era o jeito dele, graças a Deus. Porque senão eu teria passado a noite na estrada.

- Foi mal a demora, Felipão. Não encontrei ninguém. O Lukas não tava em casa, o Julinho também não, e o Renê não tava lá no hostel – disse, como se eu não soubesse o verdadeiro motivo da demora.

Era no WearyTraveler que nos encontrávamos todos os dias. Emílio acordava cedo e saía para mergulhar. Então ao meio dia nos cruzávamos no corredor de entrada do hostel. Renê estava sempre lá, esperando algum cliente para levar até SianKa'an, a reserva natural de Tulum. Por isso seria lá onde Emilio buscaria ajuda primeiro.

Mas Renê não estava. Nos fins de semana que não tem trabalho, ele vai até sua casa na reserva. Sem telefone, sem televisão, sem energia elétrica. A comida vem do mar e sempre aparece um amigo para compartilhar o peixe. Uma garrafa de água serve para dois dias, já que os coqueiros em frente ao chalé estão cheios para matar sua sede. E sentado embaixo de um deles, de frente para o mar, ele pensa em como foi parar ali e virar um guia turístico, defensor dos pássaros.

Quando criança, seu avô o levou de trator para o meio da plantação de milho da fazenda onde moravam para explicar seu primeiro trabalho, bem diferente do atual.

- Meu neto, teu trabalho é atirar em cada passarinho que você vir aqui – disse, entregando-lhe um rifle.

Depois sonhara em ser médico, mas aprendeu a não ter sonhos aos 18 anos, quando o pai colocou na mesa o catálogo com informações sobre o curso. Não teria dinheiro para bancar a faculdade nos Estados Unidos, onde viviam. Decidiu virar professor e estudou literatura latino-americana, mas só em Tulum encontrou seu lugar no mundo. Resolveu se responsabilizar por um pedaço dos 1.6 milhão de acres da reserva de SianKa'an. Se parasse para pensar em todas as coisas ruins que acontecem, não conseguiria mais dormir. Então acorda todos os dias às 5h30 da manhã e trata de fazer alguma coisa boa. A responsabilidade de Renê é com o lugar onde ele mora, com o lugar que ele desfruta. Precisa de muito pouco para ser feliz. Infelizmente descobrira isso só agora, aos 42 anos.

Nos conhecemos no dia em que cheguei ao México. Eu estava pagando a conta na taqueria e o Emilio conversava com ele e com uma brasileira, em português. Falava fluentemente, embora misturasse o espanhol em algumas frases. Seu pai, que viajava muito como chef de cozinha, conhecera uma professora de biologia no Brasil, dançando, como ele e a brasileira dançaram logo depois de sair da taqueria.

Estávamos dentro do *Pueblo* de Tulum quando a bateria morreu de vez. Tentamos ressuscitá-la, mas ela não reagiu à segunda chupeta, e declaramos o

falecimento às 21h. Um rapaz que passava resolveu ajudar a empurrar, mas desistiu uma quadra depois, quando perguntou até onde iríamos. A Kombi ficou em frente ao mecânico e eu peguei uma carona com Emilio e a moça até o hostel. Eles iriam para a casa dela, digamos, para continuar procurando Renê.

Da porta do WearyTraveler o vi, com uma garrafa de Corona na mão, conversando com duas argentinas que não deviam ter mais do que 20 anos. Nem havia passado por SianKa'an, como achava Emilio. Ficara o dia por ali, ao contrário do que disse Emilio, esperando algum cliente e planejando uma ida à reserva com o australiano que ergueu o braço e acenou para me chamar assim que cheguei.

Andrew foi a Tulum de férias para cuidar da casa e do cachorro da ex-namorada enquanto ela viajava. Tarefa fácil para quem havia cuidado de tigres em um templo budista no Nepal. A experiência com cinema, adquirida trabalhando em produções hollywoodianas na República Tcheca, foi suficiente para o convite: ele iria junto conosco até o Brasil, para riscar a América do Sul da lista de países a visitar. E o convite foi de uma hora para outra, como no dia em que eu fui convidado. Tinha pinta de surfista e 37 anos, quase a mesma idade, seria o parceiro perfeito para o Zagaia continuar na sua missão de estender o carnaval por mais meio ano, até chegar ao Brasil. Mas também tinha uma boa câmera, editava bons vídeos e dividiria os custos com gasolina. E por ele mudaríamos nosso trajeto.

Emilio planejava entrar direto na Guatemala, passando por San Cristóbal de las Casas, e evitar Belize, que Julinho, o português, dizia ser um lugar perigoso. Mas Andrew precisava ir pelo menos até a fronteira para renovar seu visto mexicano. E de

qualquer maneira precisaríamos ir até lá para passar os papéis da Kombi do nome do Poly para o do Zagaia.

As coisas tinham melhorado com a ida da Mari para o Brasil, dias antes, e o clima entre eu, Emilio e Canguru, como chamávamos Andrew, parecia bom. O australiano namorava a dona de um hotel em Tulum e estava indeciso no dia anterior a pegarmos a estrada. Naquela tarde, fomos até Siam Ka'an, na casa do Renê. Ele saía do mar com um peixe no arpão quando chegamos.

- Isso aqui é pra vocês, Felipáum. Pra você, Andrew e pro COMEDOR DE BOCETA NÚMERO UM DE TULUM! – gritou no final acenando para o Zagaia, a cruzar por mim e ir até o fogão à lenha.

Dividir a comida era essencial para Renê ser feliz. Em 2000, quando se mudou para Tulum, passou a buscar uma vida simples e mais próxima da natureza. O êxito não era mais quanto tinha de dinheiro no banco, mas uma vida menos egoísta.

- Esse pescado aqui vai dar certinho pra gente. Nem sobrar, nem faltar, assim que tem que ser: simples. Hoje fui ao supermercado para comprar uma cervejinha pros meus amigos e tem 10 diferentes tipos de cerveja, bróder. Não precisa tanto. A gente tem que lembrar sempre de onde veio.

Comemos, bebemos e aprendi com Renê novamente o que o Zagaia já havia me ensinado. Depois que a Mariana foi embora, não havia mais meu dinheiro ou minhas coisas. Era nossa viagem e nosso projeto, e talvez fosse com isso que o Canguru não concordasse. Não queria dividir gastos com mecânico durante a viagem, e ele já havia feito uma parecida pela Austrália, sabia dos custos para manutenção.

Depois do por do sol, deixamos Andrew na casa da namorada e fomos ao quartinho para arrumar as malas. As roupas estavam penduradas nas dezenas de pregos nas paredes. Se por acaso o rato conseguisse passar pelas almofadas colocadas embaixo da porta, não alcançaria minhas cuecas.

Fomos ao hostel pela última vez para nos despedirmos do etíope Abraham, do francês Stephane e do americano John, dono do albergue. Os quase dois meses em Tulum pareceram dois anos, o tempo passa mais devagar no Caribe. E ninguém acreditava que estávamos indo. Era como se já morássemos ali.

- Tulum faz isso com todo mundo. Eu vim ficar dois dias e não consigo mais ir embora – dizia Abraham.

Dormimos dentro da Kombi, em frente à casa de Poly e Sole, com tudo preparado para sairmos cedo. Talvez pudéssemos ter evitado o desconforto, já que saímos às 9h do dia seguinte. O despertador seria Poly, mas o argentino não levantava junto com o sol como pensava o Zagaia. Ele bateu na lona do teto e me acordou, com duas xícaras de café em uma das mãos.

- Sempre que te vejo tu tá dormindo, Felipáum!

Tudo pronto, os problemas elétricos resolvidos depois de muito trabalho, o motor revisado pelo mecânico que o refez em Cancún, e dinheiro suficiente para chegarmos pelo menos até o Panamá. Sem pressa para o Zagaia, com pressa para mim. Não queria perder um semestre na faculdade e nem a namorada. Queria chegar ao Brasil no máximo até agosto, como havia prometido. Na verdade eu queria chegar logo, talvez pular 16 países e atravessar direto do México para o Brasil. E nemera pela namorada ou faculdade. Os próximos meses seriam desconfortáveis, com muita cobrança, pouco dinheiro. Mas era metade de março, faltava muito e não chegaríamos até agosto.

Buscamos o Canguru, ele já nos esperava e talvez ficasse mais feliz se não tivéssemos aparecido.

Tinha chegado a hora. CHETUMAL, indicava a placa logo na saída de Tulum. 248 quilômetros até a fronteira com Belize, ouvindo Poly contar histórias sobre cada lugar que passávamos. Como os espanhóis conquistaram a cidade de Bacalar, piratas a invadiram e os maias a tomaram de volta no século XVIII. A cidade mágica, como ficou conhecida, só seria retomada pelos mexicanos em 1902. Costeávamos uma laguna que tinha o mesmo azul reluzente do mar caribenho. A estrada brilhava dourada com o sol da manhã, o vento entrava forte pelas janelas, a Kombi era a entrada para outro mundo e a maior viagem de todas tinha começado. Não queria mais chegar em agosto. Depois daquele dia nunca mais me sentiria em casa em nenhum lugar.

Canguru ficou calado o tempo inteiro no caminho até a fronteira. Estava há três meses no México, mas não passava do "hola, como estás?", em espanhol. Não entendia as histórias do Poly e sorria sem entusiasmo quando via que estávamos falando com ele. Puxei um papo em inglês enquanto Emilio e o argentino conversavam sobre uma luz vermelha que acendeu no painel da kombi e que incomodaria até o Brasil.

Eu sentia saudades da namorada, não sabia se havia tomado a decisão certa. Queria viajar, queria ficar, não sabia o que queria. Tinha duas viagens incríveis e completamente diferentes para escolher. Ir com os dois brasileiros era o sonho de qualquer um, a Laguna de Bacalar era a primeira das "jawdroppinglandscapes" que acabariam no Rio de Janeiro. Mas não é todo dia que alguém se apaixona, e ele já tinha 37 anos. E se o amor daquela mexicana fosse para sempre? Mas e se fosse apenas uma viagem curta e sem emoções? Não achava que seria mais que um romance curto, mas como a viagem fora adiada semana após semana, acabou se apaixonando, eles até planejavam o futuro juntos. Os dois brasileiros estavam indo para casa e ele teria que ajustar as velas para o desconhecido mais uma vez, o que era meio assustador

aos 37. Poderia construir uma vida feliz ao lado daquela mulher, ao invés de dormir em uma barraca todas as noites, algumas em lugares perigosos. E tinha o Emilio.

Chegamos.

Pela fronteira, parecia que Belize seria um grande presídio. Entre duas torres com homens armados, uma ponte estreita para entrar na aduana. Arame farpado no alto das grades e nada de fotografias moleque! Guarda essa câmera! Esperei na Kombi enquanto Andrew foi renovar seu visto e o Zagaia entrou, coçando a cabeça, com o Poly em um portão. Não existia situação especial, oficial ou importante o suficiente para fazer Emilio vestir sapatos ou calças. Reuniu-se com a prefeita de Tulum, para pedir patrocínio em troca do nome estampado nas laterais do carro, usando havaianas e uma bermuda camuflada furada. E assim entrou para resolver o problema que pesava na sua cabeça há dias.

Fiquei folheando "On the Road", sentado no banco da frente. Lembrei do que o Julinho disse, depois de ter viajado por toda a América na década de 80: "Cuidado em Belize, é um país diferente". Diferente como a história que nos contou no dia que Emilio falou das dores nas costas que, depois de três cirurgias, ainda o incomodavam para mergulhar com cilindros e para dirigir.

Julinho também tinha problemas nas costas quando foi a Belize se consultar com um negro chamado Jorge. Chegava muita gente de ônibus, muita gente de táxi, muita gente de carro. A população vivia do serviço daquele homem que falava um espanhol diferente, misturado com o inglês. Ele colocou um ovo na mão de Julinho e depois de alguns segundos

o pegou de volta, quebrou em um copo d'água e ficou observando a gema bem de perto, com uma lupa. Respirava fundo e ditava o diagnóstico para um dos ajudantes maias tão rapidamente que não parava para puxar o ar enquanto falava. Mandou Julinho para a sala ao lado, onde estavam mais 10, talvez 20 pessoas deitadas em espreguiçadeiras. De bruços, Julinho só ouvia o barulho do abrir e fechar de uma tesoura sobre suas costas antes de um ajudante fazer o curativo. Devia repousar e estava proibido de comer carne de porco, beber álcool e fazer sexo. Claro que Emilio o interrompeu, dizendo que preferia a dor nas costas.

Guardei o livro no porta-luvas e estiquei as pernas em cima do painel. O Emilio apareceu na janela e enfiou um canudo que ele mordida no meu ouvido.

- Bora, jaguara?

- Já vamo cruzar?

- Inda não. Melhor ver qual o problema com essa luz vermelha aí do painel no México. Aqui pelo menos eu sei com quem tô lidando.

- Vai demorar?

- Não sou mecânico, Felipão. Mas acho melhor a gente dormir por aqui e tocar direto amanhã. Em umas dez horas conseguimos cruzar Belize inteiro.

Trocados os carvões do gerador de energia, a luz vermelha se apagou. A esposa foi com os pais buscar Poly. Eu, Emilio e Andrew fomos, de Kombi, ao pátio do corpo de bombeiros.

6-O melhor mecânico

Depois da ida para Cancún, um retrovisor caiu, o pedal do acelerador soltou, a maçaneta quebrou.

O motor funcionava bem no nível do mar, mas ali a subida era íngreme e a Kombi não aguentou. Abri a porta e pulei para fora para ver se vinha algum carro. A estrada não tinha acostamento, o Zagaia teria que descer uns 200 metros em marcha ré e fazer uma curva para estacionar em uma vendinha. Estávamos no meio do nada.

- Corre, filho da puta! – gritou ao me ver descer caminhando, com a camiseta no ombro.

Corri, parei no ponto mais aberto da curva, na beira do barranco, e levantei o polegar avisando que a estrada estava livre. A Kombi descia tremendo, como se soubesse o que estava para acontecer.

- Caralho! Vamo ter que entrar na Cidade da Guatemala, caralho! – girava a chave na ignição com a cabeça encostada no volante.

Não havia planejado passar pela capital. Perigosa, lá todo mundo anda armado, lá taxista assalta turista. Mas haviam falado o mesmo de Belize e falariam pior de El Salvador.

Pegou a chave 11no meio dos bancos, aquela que tinha insistido até achar em Miami, e desceu calado.

- Tenta ligar aí, Felipe! – gritou detrás do carro.

Ligou, mas parecia que o motor cairia no chão a qualquer momento e a Kombi seguiu se arrastando até

a entrada de uma revenda de carros no pátio de uma casa.

Emilio puxou o freio de mão e descemos entre as galinhas. Pedi licença de longe e caminhamos até a varanda. Uma senhora tricotava em uma cadeira de balanço.

- Por favor, senhora, meu carro está com problemas, preciso de um telefone para chamar o mecânico.

Panchete atendeu a ligação esperando ouvir boas notícias. Tinham saído de Cobán três horas antes, deviam dizer que já haviam achado um bom lugar para ficar à beira do Lago Atitlán.

Subiu até metade das escadas para chamar Karlita e a filha, que jogavam videogame. Todos queriam notícias dos brazucas, como queriam dos mais de 20 viajantes que haviam passado pela casa, a maioria de Volkswagen, a caminho de um paraíso escondido. Além dos dois fuscas e uma Kombi na garagem, os Archila têm quadros, miniaturas, fotografias e colecionam qualquer objeto que lembre esses carros. Mas a paixão não se resume a automóveis: a decoração inclui garrafas antigas de Coca-Cola, pedaços de cerâmica e pedras de construções maias. Pancho é apaixonado pelo passado. Tanto que construiu junto com o pai um parque de preservação e criação de orquídeas, flores que eram a vida do avô Oscar, botânico e pesquisador de novas espécies.

Karla e a filha desceram para o primeiro andar e foram até Panchete, que falava no telefone com Emilio no quarto hóspedes. A bandeira do Barcelona era o

único item do cômodo que não tinha relação com os argentinos, canadenses e brasileiros que haviam passado por ali. Talvez com os europeus, mas não por causa deles. Era o time de Karla e de metade da América Central. Pancho sinaliza com a mão pedindo silêncio, com o telefone encostado no ombro, enquanto procura no armário o papel onde tinha anotado o contato do mecânico da capital.

Apesar dos 27 anos, o casal tinha um jeito responsável que os deixava mais velhos. Fosse pela filha de 10 ou por ter solução para tudo. Consideravam-se almas gêmeas, como as orquídeas e cada bicho específico que as poliniza. Levavam seus hobbies a sério, faziam questão de receber bem *os viajeros* de passagem por Cobán. Havíamos procurado por dias, depois que outro membro do Club Volkswagen postou no Facebook uma foto da Kombi verde e amarela, estacionada em frente à delegacia da cidade. Uma Westfalia, uma relíquia. Pelo menos um terço dos 90 mil habitantes sabia que Panchete faria de tudo para conhecer os donos daquele carro. Quando voltamos da tentativa de chegar a Semuc Champey com a Kombi, o filho do mecânico que fez o primeiro diagnóstico do serviço mal feito em Cancún avisou Emilio que a família Archila queria nos abrigar.

Panchete não encontrou o telefone do mecânico e, depois de revirar o armário, fechou a porta onde estavam coladas as fotos dos viajantes que haviam passado por aquele quarto. Nos bilhetes, agradecimentos pela estadia e vontade de ajudar. Viajantes de Kombi não andam com muito dinheiro, por isso Pancho e Karla faziam questão que fizessem todas as refeições na casa deles ou dos pais. Eles ainda levavam ao mecânico, ao estádio de futebol e ao

programa de rádio que apresentavam as terças-feiras. Sem o número do mecânico, só havia um jeito de ajudar os brasileiros.

- Emilio, vou te passar o contato do Club Volkswagen de Ciudad de Guatemala. Eles vão te indicar o melhor mecânico da cidade.

Em uma hora um pequeno carro preto chegou com um senhor de macacão e boné azuis. Don Olegário não tinha os dentes da frente, mas tinha um sorriso simpático. Cumprimentou Emilio e foi direto para debaixo da Kombi.

- Me gustalas personas como este señor. As pessoas que fazem logo o que tem que ser feito – disse Emilio para o homem careca que trouxera Olegário.

Daria um jeito na Kombi para fazê-la chegar até sua oficina, no centro da capital. No caminho, foi conversando com Emilio e ouvindo o motor do carro, para entender o que estava acontecendo. Já eram dez horas da noite e tivemos que parar mais cinco vezes antes de chegar na oficina e estacionar entre quatro fuscas.

Tirei as travas do teto e o empurrei pra cima. A lona se esticou e desdobrei minha cama. O pop top, como chamavam os entendidos, impressionava sempre que era aberto. Don Olegário nunca tinha visto aquilo, uma Kombi com uma barraca em cima, mas o motor era o mesmo das outras. Ele trancou a oficina, soltou o cachorro e foi embora. No outro dia daria um jeito.

Estávamos seguros. O muro tinha uns quatro metros e arame farpado. E ninguém tentaria invadir uma mecânica cheia de carros velhos. O Zagaia

desdobrou o banco traseiro e armou a cama de casal onde ele dormiria tranquilo, enquanto eu quase congelava no andar de cima. Durante o dia não era frio, mas à noite o teto de acrílico ficava úmido e a lona gelada. Vesti a malha comprada para usar nas cordilheiras, "polar extreme", e coloquei um cobertor a mais para os pés, que se encostavam ao teto. No início, não era confortável dormir na Kombi. A porta não abria por dentro, então ir ao banheiro à noite dava muito trabalho. Não tinha espaço para rolar na cama e a falta de um colchão me machucava as costas. Mas apenas no início.

- Uhhhh, boi! Uhhhh, boi!

Foi assim que despertei durante os seis meses de viagem. Emilio batia com o nó dos dedos nas minhas costas. Minha cama era um pano, uma rede esticada entre dois pedaços de metal. Ele imitava o jeito que mexia com o gado e eu reclamava todos os dias, não queria acordar às seis da manhã. Continuei dormindo. Não tinha por que sair da cama para passar o dia assistindo Olegário mexer no motor.

Acordei com um barulho agudo e vi Emilio conversando com um senhor que serrava o para-choque de um fusca. Ele dizia, em inglês com sotaque do Bronx, que foradeportado e que deixara a família nos Estados Unidos. Levantei e me vesti para ir comprar nosso café da manhã. O supermercado ficava a duas quadras da oficina, iria a pé, mas o senhor me ofereceu uma carona de moto. Aceitei depois de um "vai logo com ele, Felipe".

A moto de Walter, o guatemalteco que só falava inglês, não tinha espelhos. Quando foi tirar ela da oficina, entre os carros, quase caiu. Falei que não

precisava me levar até lá, mas insistiu. Fui até o mercado segurando no banco e pedindo para ele parar nos cruzamentos.

- Don't worry, my brother. I know what I'm doing! – disse virando o rosto para falar comigo, sem olhar para onde ia.

O mercado era o único daquela região da Cidade da Guatemala em que se podia entrar para escolher o que comprar. Nos outros mercadinhos, ia-se até a porta e se apontava o produto atrás das grades. A segurança do supermercado era um homem parado, na entrada, com uma espingarda encostada no ombro.

Comprei leite, achocolatado, pão, biscoitos. Faltava a geléia, então Walter gritou em inglês para uma das atendentes.

- Please, he wants peanut butter!

A moça olhou para trás para ver com quem aquele senhor estava falando, e quando apontou para o próprio peito para confirmar se era com ela, eu já havia encontrado o que buscava. E não era manteiga de amendoim, como ele havia dito em inglês em um lugar onde todo mundo, inclusive ele, fala espanhol.

Não conseguia me segurar no banco da moto com as sacolas nas mãos. Ele me explicou, mas não entendi o motivo da pressa. Entrou na contramão e desviou de um carro que raspou nas compras. Dobrou à direita e trocou de pista para ultrapassar um ônibus, mas a buzina de um caminhão o fez voltar rapidamente para a direita. O pneu da frente balançou, ele quase perdeu o controle, mas falou que tudo estava “undercontrol”, escondendo o alívio.

Chegamos, desci da moto, agradeci o maluco e perdi metade da unha do dedão direito tropeçando no para-choque da Kombi, jogado no chão. Só conseguia ver as pernas de Don Olegário, que estava embaixo dela.

- Señor, onde está Emilio? – me curvei e bati na lataria para chamá-lo.

Ouvi a cabeça dele bater e ele se arrastar para sair debaixo do carro e me responder, com uma mão procurando um hematoma na testa e a outra apontando para a rua.

- Ele está aí *notallerdelbrasileño*.

A oficina de Don Victor ficava em frente. Há 28 anos, saíra com Wendy de Nova York, com tudo que havia conquistado trabalhando como mecânico nos Estados Unidos. Passariam pela Guatemala para visitar a família dela e pegar mais algumas coisas para levar a Poços de Caldas, no Brasil, onde viveriam com o resto da família Pereira. Mas o container foi roubado, ele perdeu tudo, e não queria voltar para casa sem nada. Então montou seu negócio na Cidade da Guatemala até conseguir o suficiente para ir ao Brasil. Mas isso nunca aconteceu.

Atravessei a rua e pedi para que um dos mecânicos abrisse o cadeado. Entre as grades do portão já via que o local de trabalho de Victor não parecia com o do Olegário. Era organizado, os mecânicos usavam uniforme, poucos carros. Pedi licença e entrei no escritório. Emilio me apresentou a Victor e ao filho Victor Júnior, que falava português com voz de criança, apesar dos quase dois metros de altura.

- E então, garoto. O Emilio tava aqui me contando as maluquices de vocês por aí – falou Don Victor, com a voz rouca.

Fiquei o resto da manhã conversando com Victor e Junior enquanto Emilio ajudava Don Olegário a limpar o motor com gasolina. Ferramentas espalhadas pelo chão, parafusos dentro de uma garrafa, panos sujos de óleo. Ele se atirava embaixo do carro para aprender sobre cada peça, e me cobrava trabalho mesmo quando eu não tinha nada para fazer. Muito melhor passar o dia conversando do outro lado da rua, esperando o sol do meio dia esquentar a água gelada que corria de um cano no banheiro da oficina para tomar um banho. Depois ir almoçar frango, arroz, feijão, repolho e pão no *comedor* mais barato. Enquanto Emilio ainda estava apaixonado por Don Olegário, íamos os três. O velhose esforçava para roer uma coxa de frango, com um dos olhos fechados e mordendo com os únicos dentes que restavam no fundo da boca, quando avisou que teria que trocar a caixa de câmbio da Kombi.

- La caja está forzando el motor. Ahí está el problema – disse com um pedaço em punho.

Na volta, passei no *Talleres Brasília* para mandar notícias para Maripelo computador de Don Victor. Falei para não se preocupar, que logo sairíamos da Guatemala, mas que pensávamos em chegar ao Brasil apenas no final do ano. A oficina estava fechando e desliguei antes de ler a resposta. Atravessava a rua quando Júnior me perguntou se não queríamos dormir na casa deles. Não seria incômodo, só enquanto a Kombi estivesse no conserto.

7 – Don Victor da Guatemala

Emilio abriu a tampa do motor antes de Don Victor voltar vestido com seu macacão azul. Sem camisa, com um boné verde virado para trás, puxava a mola do acelerador para ouvir o barulho do carro.

- É, garoto, essa velharia vai nos dar trabalho, vai levar tempo – disse Victor, fechando a porta do escritório da oficina.

Mas Emilio pensavamais no dinheiro do que no tempo que ficaríamos na Cidade da Guatemala. Embora estivesse há 14 dias na casa da família Pereira, não tinha pressa para chegar. O problema era ter que comprar peças para o carburador e motor, depois de ter gasto com uma caixa de câmbio seminova pior que a antiga.

O câmbio não estava forçando o motor, Don Olegário não era o melhor mecânico da Guatemala e a cidade não era tão perigosa assim. Nem todo mundo andava armado, como nos disseram. Claro que os buracos de bala que vimos num ônibus e as histórias que ouvimos sobre as brigas de trânsito serem resolvidas notiro assustavam, mas Victor vivia ali há 25 anos e nunca teve problemas.

Dirigia com pressa, como se o café fosse estar frio quando chegasse. Xingava Júnior, ao seu lado, e todos os motoristas ao seu redor ao mesmo tempo. Quando entrei no carro pela primeira vez, depois do convite do filho, reclamou que eu pisei no jornal que estava no assoalho. “Que velho mal-humorado”, pensei e defini Victor com a precisão de todo primeiro julgamento. Chegamos à casa, escondida atrás de dois portões grandes e muros altos. A rua era estreita, não tinha calçadas e todas as manhãs, pontualmente às 8 horas, Victor manobrava seu sedan vermelho indo e voltando entre a sua casa e a da frente, até conseguir sair.

Maria, 18 anos, estava arrumando a mesa para servir o café, fresquinho e bem quente, quando Victor

abriu a porta. Ela tinha o cabelo comprido, quase até a cintura, e usava saia e um xale colorido de tecido trançado. Era indígena e dormia em um quartinho no fundo da casa. Fazia parte de 75% da população do país, que possui 5% da riqueza. Nunca ouvi Maria falar uma palavra, mas ela entendia espanhol. Fora indicada por um primo de Wendy para trabalhar na casa dos Pereira. Não estivesse ali, no fundo da casa, talvez estivesse carregando toras de madeira na cabeça, por quilômetros, para cozinhar, como vimos dezenas na beira da estrada até chegar à capital.

Comi um sanduíche e bebi horchata de arroz, uma bebida feita com a farinha do grão, e pouco conversei com Wendy e Victor naquele primeiro dia. Algo incomodava o velho, e o Zagaia insistia em puxar papo. Falava de futebol, a vida nos Estados Unidos, no Brasil. Victor gostava muito do jeito norte-americano de ser. Usava os gringos como exemplo para encerrar cada discussão que tratasse, de alguma forma, de dinheiro. Tudo era muito justo na época em que vivia em Nova York, bem diferente da Guatemala.

Enquanto eles ficavam discutindo se a melancia nos Estados Unidos era aguada ou não, fui jogar videogame com Junior.

Real Madrid e Barcelona entram em campo hoje no Santiago Bernabeu para mais uma partida decisiva do Campeonato Espanhol! Sai com a bola o time do Barça e Xavi toca para Iniesta... o camisa 8 joga mais atrás para Puyol, que tem dificuldades para o domínio. Cristiano Ronaldo pressiona o zagueiro, OLHA O PERIIIIGO... GOOOOOOOOOOOOOOL!

- Achei que no Brasil vocês fossem bons de futebol - falou sem tirar os olhos da televisão para rir da minha cara.

Jogava de pé até que se sentou em uma poltrona, encostado na bandeira do Real que Wendy comprou quando fora a Barcelona, semanas antes, ver o pai pela última vez.

O senhor Klingenberger morava sozinho desde que saía de casa, quando ela tinha 11 anos. Depois de viajar o mundo, o velho cartógrafo das tantas mulheres só tinha duas em seu funeral. Nas últimas horas com as filhas, deu o carinho que sabia que faltara a elas e aos outros três. Riram e conversaram muito enquanto ele as elogiava para as enfermeiras. Eram as melhores mulheres do mundo, melhores mães, melhores filhas. A tatuagem com o nome de Wendy no braço direito era a única que tinha. A menina, que aos 17 anos ligou para os consulados de toda a Espanha para encontrá-lo, não tinha motivos para gostar dele tanto assim.

- Meu pai era muito parecido contigo, Emilio. Muito bom com as mulheres e gostava de viajar, viver sozinho. Mas tem um preço que se paga.

- Não parece, mas eu penso muito nisso, Wendy. Tô chegando aos 40 e não sei se vou ter filhos, não sei se vou me casar. A questão é que eu sou muito feliz vivendo desse jeito.

- Com certeza que sim. Viver o presente é importante quando se é jovem, mas pensar no futuro traz equilíbrio, as coisas importantes devem ser planejadas.

- Eu tenho meus planos. Nada certo, mas penso nas possibilidades. Posso adotar uma criança, ainda tenho tempo de investir em um relacionamento, ou posso viver com os meus pais. Quando eles precisarem, eu vou ser o pai deles.

- E você não tem medo de ficar sozinho?

- Minhas irmãs e minhas sobrinhas nunca vão me deixar sozinho. E quem tá com Deus, nunca tá sozinho.

Desci as escadas e Wendy e Emilio conversavam na mesa de jantar enquanto Victor brincava com um dos cachorrinhos da casa como se lidasse com um

bebê. Sentado no sofá, levantava Abi, um pinscher preto, e sorria depois de repetir alguma coisa. Falava mais com a cachorrinha do que comigo, mas eu não achava ruim. Pensava que Victor não nos quisesse ali. Que só tinha aceitado um pedido de Junior.

No terceiro dia, acordamos atrasados e Victor havia saído com o filho para ir à oficina. Emilio me encontrou no corredor da casa, vestido enquanto eu ainda me espreguiçava depois de levantar, e falou baixinho para eu arrumar minhas coisas.

- Bora, Felipe. Eles já saíram. A gente tá pesando aqui nessa casa, não tamo agradando. Vamos pra oficina do Olegário que mais uns dois dias nós já vamos pra estrada mesmo.

Estávamos prontos para sair quando Wendy desceu os degraus e nos encontrou na sala. Victor e Junior estavam voltando com os pães para o café da manhã.

Se tivéssemos saído com eles, provavelmente adiantaríamos nosso café da manhã no McDonald's, dias depois, em outra saída apressada. Victor pai e Victor filho estavam acima do peso, mas pediram o *desayunodeluxe*, com ovos mexidos, hambúrguer de porco, panquecas, muffin com manteiga e batata suíça. O pai ficou esperando mais tempo, pois pedira dois copos grandes de café, um para agora e outro até o caminho para o trabalho. Sempre que adoça o cafezinho, no caso os cafezões, ignora os problemas cardíacos e o tubo com oxigênio que inala todas as noites para dormir. Juntou três pacotinhos de açúcar entre o polegar e o indicador, sacodiou e rasgou com um só puxão. Juntou outros três pacotinhos de açúcar entre o polegar e o indicador, sacodiou e rasgou para virar tudo no segundo copo.

Terminou o café duas quadras antes de chegar à oficina. Desviou de um *hijoeputa* e estacionou em frente ao portão. Um dos funcionários estava lá para abrir e, apesar de estar trabalhando duro como bom guatemalteco, nos recebeu com um sorriso sujo de

graxa. Emilio tirou a camisa, virou o boné para trás e caminhou até a Kombi. Pai e filho entraram no escritório e Victor saiu vestido com o macacão azul, pronto para arrumar aquela carroça.

- É, garoto, essa velharia vai nos dar trabalho, vai levar tempo. – falou para Emilio, que puxava a mola do acelerador para ouvir o barulho do motor.

- Não tô preocupado com o tempo, Victor. Tô preocupado é com a grana que gastei pra andar mil quilômetros. E não chama essa gata de velharia.

- Hi, hi, hi. Tô brincando com você, garoto – fechou os olhos para rir. – E por que o australiano desistiu de viajar com vocês, afinal?

- Voltou pra ficar com a namorada. Casaram e ela até já tá grávida.

Na aduana, em Chetumal, desci do carro e abri a bolsinha amarrada na cintura, procurando meu passaporte para carimbar a saída do México. Não estava ali. Fora me dito para andar sempre com o passaporte colado no corpo, que era o que eu tinha de maior valor. Que brasileiro pode ter qualquer cara, qualquer cor, qualquer sobrenome, por isso valia tanto. Para mim valia mais, porque eu não poderia sair do México sem ele. Procurei embaixo dos bancos, no porta-luvas, na minha mochila. Encontrei na gaveta debaixo da pia.

Quando me dei conta, Emilio tinha aberto o porta-malas e Andrew tirava suas coisas de dentro da Kombi.

Nos despedimos e cruzamos a ponte. Entre os muros, um terreno gigantesco com poucos prédios. À esquerda, a zona livre com cassinos e free shops. À direita, a aduana de Belize.

Dois homens negros de camisa branca e calça social acenaram pedindo para encostar. Ofereceram ajuda para os trâmites com o seguro obrigatório para

entrar no país, mas Julinho havia nos avisado para evitar os "tramitadores". Nove dólares e a Kombi já podia circular pelo país.

Em meia hora, e por cinquenta dólares cada, tiramos nossos vistos de trinta dias em Belize.

- Começou, Felipão. Vamo nessa, temos que encarar – disse antes de bater minha porta e caminhar até o volante.

O medo dele diminuiu um pouco quando passou por nós um casal com três crianças. Andavam em bicicletas que, carregadas com as malas, ocupavam quase o espaço de um carro, na estrada. O engenheiro francês David Saux, de 39 anos, planejara aquela viagem desde 2008. Annick, sua esposa, concordou sorrindo quando o marido nos respondeu que felicidade é sonhar. Haviam saído do Canadá há nove meses e sonhavam, cada dia mais perto, em chegar à Argentina até outubro. Não começaram antes porque esperaram o mais novo completar cinco anos, para que guardasse as lembranças como as meninas de nove e onze. A mais velha pedalava sozinha enquanto os dois irmãos ajudavam os pais com pedais adaptados em acentos à frente das bicicletas deles. Dormiam em barracas, no lugar que estivessem ao anoitecer.

- Mas e a escola das crianças?

- Acho que a redação das férias deles vaizer bem mais interessante que as dos outros.

O que estávamos fazendo podia parecer loucura. Mas foi só começar que vimos que não era nada perto da família de franceses e de vários outros com que cruzaríamos *enlacarretera*. Como um casal de canadenses que encontraríamos em El Salvador. Ela com 69 e ele com 73. Ou os ingleses que encontraríamos no rio de SemucChampey, em uma semana. Também de bicicleta, também do Canadá até a Argentina.

Abri o mapa que peguei na aduana para ver para que lado tínhamos que ir. Compramos um GPS em

Miami, mas os mapas da América Central não continham as cidades, apenas as estradas principais. Mais um motivo para o Zagaia pegar no meu pé. Que tinha gasto dinheiro à toa, que seriam mais tantos litros de gasolina, que eu não ligava para viagem, deveria ter estudado mais aquele aparelho quando tive tempo, em Tulum. Que eu

Aprendi a desligar por alguns segundos e concordar com tudo o que ele dizia. Afinal, não importava se NÃO TINHA O QUE ESTUDAR SOBRE A PORRA DOS MAPAS, CARALHO!, ele sempre teria um argumento.

Paramos no pátio de uma casa, à beira de um lago, para organizar as malas. Os fiscais haviam tirado tudo do lugar para conferir se não carregávamos comida, fuzis ou cocaína. O inglês dono da casa nos ofereceu água gelada e indicou seguirmos para Belmopan, a capital, e evitarmos Belize City, a maior cidade. Não tinha problema ir até lá, mas "seria legal ir armado".

Era tudo diferente do México. Falavam inglês, embora os letreiros dos mercadinhos fossem bilíngues. Não vimos nenhum prédio com mais de cinco andares e Emilio achou as casas parecidas com as da Austrália. De madeira, sem cercas nem muros, a maioria pintada de branco. As crianças corriam à beira da estrada, que às vezes era de terra e às vezes de asfalto, com camisa, calça social e sapato, uniformes escolares. Só havia negros, com exceção dos chineses donos de restaurantes e das vilas de mennonites. Eles andam em carroças e vivem como se estivessem séculos atrasados. Os homens se vestem com macacões ou calça com suspensórios, chapéu e tem a barba comprida. As mulheres usam vestidos coloridos até os calcanhares. São Protestantes e vivem de agricultura, construção e carpintaria. Passamos por uma vila horas depois de entrarmos no país.

- Vai gravando tudo isso aí, Felipe!

Mantinha a câmera no meu colo, a não ser em lugares mais perigosos. Entramos tensos em Belize, mas não havia perigo na estrada, eram poucos carros e a população não nos dava muita atenção.

- Grava isso aí, Felipe! Pô, olha que parada maneira ali e tu viajando!

Tinha que aproveitar a luz bonita do final do dia para gravar, mas também queria curtir o vento na cara. Os faróis dos outros carros refletiam e deixavam coloridos os riscos do limpador no para-brisa. Anoitecia quando chegamos à entrada de Belmopan.

Foram várias voltas até encontrar o prédio que era pouco maior que o caminhão. Parecia até que o Corpo de Bombeiros tinha sido construído ao redor dele. Esperei no carro, com os pés no painel, escutando Johnny Cash perguntar "quantas vezes você já ouviu alguém dizer: se eu tivesse o dinheiro dele, faria as coisas do meu jeito...", e Emilio foi e voltou rindo antes da música acabar. Dormiríamos na frente do caminhão, com a Kombi ao relento, com segurança garantida. Era o turno de Ty Bradley, bombeiro que nunca havia apagado nenhum incêndio e que até simpaticizava com a fumaça e com o fogo quando bem controlados. Nos ofereceu o chuveiro da sua casa, estávamos há dois dias sem tomar banho.

Para Ty, felicidade era aquilo: relaxar, descansar no sofá depois de assistir um filme. E quando saí do banho ele dormia na sala e Emilio assistia TV. Era hora de voltar para a estrada, sair de Belize e encarar a Guatemala.

- Garoto, acho que a viagem de vocês acaba aqui mesmo. Ou então vai precisar investir em mais umas pecinhas. – disse Victor, mexendo no motor.

8 – Índio de El Tunco

Havia saído de Tulum chorando, uma tristeza enorme, sentindo um vazio e com medo dos meses que viriam. Queria ter ficado mais tempo, curtido cada dia com ele, mas a situação com o tio não estava fácil, não estava mais dando para aguentar.

No aeroporto de Cancún, Mariana esperou por cinco horas o voo para a casa da tia Adriana. Era muito ruim ficar sozinha, agonizante não poder simplesmente pegar o celular e ligar para conversar, falar bobagens. Quando chegasse, toda sua concentração seria para segurar o choro, como fizera ao se despedir de Felipe na rodoviária de Tulum, e não parecer triste na frente da tia. Ela preparava o almoço na cozinha quando virou e viu a sobrinha com os olhos cheios d'água em frente ao computador. Cortava o coração ver uma menina com vinte anos tão deprimida.

- Mari, nem parece que você só tem cinco anos a mais que a Natalie. Essa depressão não combina com a sua idade.

Aquilo mexeu com ela. Encararia de outro jeito, afinal, eram só seis meses. Passaria rápido. Seria bom se acostumar a não ficar tão dependente do Felipe, não sofrer tanto. Talvez ele viajasse de novo depois que voltasse, e ele se formaria na faculdade em pouco tempo, podia voltar para a casa da família.

Com companhia era mais fácil. No Brasil, evitava conversar sobre a viagem do namorado, mas todo mundo perguntava. Agora eles estavam em El Salvador, depois de um tempão parados na Guatemala. Passaram por problemas na entrada do país, dormiram na fronteira, em um ambiente que não parecia muito agradável pelo que falaram. Tiveram dificuldades para atravessar porque os papéis do carro estavam vencidos em dois dias. Conhecia o tio, ele não pagaria 200 dólares de multa. Conversaria o tempo que precisasse, mas conseguiria passar sem pagar.

Ainda bem que havia coisas que só descobriria depois. Era difícil não se interessar pelos detalhes, mas melhor do que saber que um dos caminhoneiros que faziam fila para entrar na Guatemala, no caminho inverso, abriu a porta e desceu com o braço sangrando. Que o vidro da cabine estava estilhaçado pelo tiro. Que policiais da aduana correram para ajudar, mas não podiam ir atrás do atirador. Que havia um espaço de 500 metros na fronteira entre Guatemala e El Salvador que não pertencia a nenhum dos países, e assaltantes esperavam até a noite para atacar.

De manhã, pagaram para um dos fiscais não incomodar com o rastreador e com as câmeras, e seguiram até Sonsonate, a primeira cidade depois da fronteira de La Hachadura. O motor da Kombi começou a dar problemas poucos quilômetros antes de chegarem na divisa, e o tio quase desistiu de tudo. Depois de um mês parados na Cidade da Guatemala, de terem baixado o motor cinco vezes para limpar, refazer alguns parafusos, gastar com a troca de várias peças. Queria vender aquela velharia ali e voltar para o Brasil. Mas tudo tinha uma razão para acontecer. Para Emilio, Deus queria que fosse assim, tudo daria certo, em El Salvador um bom mecânico resolveria todos os problemas.

Lá eles viram que nenhum lugar seria tão perigoso como as pessoas dos países vizinhos diziam. O tio ouvira que em El Salvadoros membros das gangues tatuavam o nome das pessoas que matavam, e na cabeça dela parecia que Felipe poderia cruzar com um a qualquer momento. Mas, na primeira cidade, deixaram a Kombi estacionada no pátio dos bombeiros e o tio contou para ela, logo que entrou na internet, que um dos soldados o havia levado de caminhão até o lugar onde estava, a duas quadras da corporação. Sonsonate era uma cidade pequena e segura.

Mas não tinha um bom mecânico. Passaram um dia inteiro em uma oficina para tirar o motor, mexer em algumas peças e bater a Kombi pela segunda vez, ao sair de ré.

A primeira fora no caminho até Cobán, na Guatemala. A fixação do tio por cavernas não tinha só a ver com mergulho. Ouvira falar das *cuevas* que seguiam o Rio Candelária por 12 quilômetros, por debaixo da terra, e decidiu que passariam dois dias na cidade de Chisec. Não tinha ido até ali para deixar para trás uma das maiores cavernas do mundo.

Ostuk-tuks vermelhos levantavam poeira das ruas de terra quando passavam. Buzinavam e cortavam a frente uns dos outros, misturando-se com os pedestres e com os carros, talvez mais antigos que a Kombi. Felipe e o tio comeram o típico arroz, frango e salada da América Central e na mesa do restaurante planejaram a ida até as cavernas. Não tinham onde dormir, e ficar à beira da estrada era perigoso. Em uma casa em cima de um morro, de frente para a entrada da caverna, uma família cobrou deles cinquenta quetzales para estacionarem ao lado do galinheiro. Acordar com o cantar do galo, sair da Kombi e escovar os dentes ao ar livre, vendo o nascer do sol, parecia bonito, mas sabia que não era tão simples. Dormir no frio, sem banheiro, com pouca comida, era menos do que tivera no quartinho no México.

A caverna parecia mesmo incrível. Estalactites e estalagmites de pedra branca do tamanho do tio, que aparecia no cantinho da foto, em uma gruta do tamanho do shopping onde ela caminhava no primeiro dia depois de voltar ao Brasil. Guardou o celular e começou a chorar. É diferente quando ir ao shopping, restaurante ou mercado sozinha não é uma escolha, quando não se pode fazer nada. No outro dia voltaria para terminar as compras. Parecia tão bobo para quem via, e para o tio que ouvia, mas era difícil. Nos detalhes que ele fazia mais falta. E eles não saíam lá de cima do mapa...

Na hora de ir embora, Emilio acelerou em marcha ré, sem olhar para trás, e parou quando uma senhora saiu da casa, gritando, com a agulha de tricô na mão, para ele "mirar la antena!". Quebrou uma lanterna traseira e amassou a placa. Tirou a antena alguns centímetros do lugar, o suficiente para estragar

toda a programação de domingo de uma família guatemalteca. Teria que chamar o rapaz para arrumar, mira lá, não tem sinal! Menos 550 quetzales, setenta dólares, quase o valor que tinha gasto em fitas para a câmera que ela e Felipe tinham deixado em Miami, mas era melhor nem lembrar essa história.

Em El Salvador, ele também saiu da oficina sem olhar para trás. Confiou no mecânico, que estava com a cabeça para fora, na frente do retrovisor. Dariam uma volta em Sonsonate para testar o motor, que fazia um barulho bom quando ligou. Os ajudantes não pareciam ter visto nenhuma diferença no som do motor, Emilio que estava detalhista demais. O barulho que ouviram foi do para-choque traseiro batendo forte em um toco de madeira de meio metro de altura, na saída.

- Por que tu não me avisou?! – perguntou para o mecânico, tirando as duas mãos da direção.

- Mas tu não me pediu para avisar – deu de ombros.

Difícil dizer se a culpa foi do mecânico. Ao sair do pátio dos bombeiros o tio quebrou o retrovisor esquerdo. Com a Kombi costeando o Pacífico em direção a San Miguel, ele levantava o espelho caído todas as vezes que precisava mudar de pista.

A estrada era perfeita. O asfalto preto parecia ter sido colocado no dia anterior, só para a Kombi passar. Talvez a pintura amarela das demarcações ainda estivesse molhada. Eram subidas e descidas de uma montanha-russa de pedra gigantesca. Felipe via pela primeira vez outro oceano além do Atlântico e não acreditava no que estava vivendo. Desligou o som para ouvir o barulho do motor misturado com o do mar batendo nas pedras, lá embaixo.

- E o que é felicidade, Felipão? Me diz agora? Bom é ser milionário e não ter tempo pra conhecer isso aqui.

Depois de um túnel de pedra, um de árvores. As sombras das folhas salpicavam o asfalto até o horizonte terminar em uma curva. Quando a Kombi buscava forças para escalar uma subida, Emilio buzinou e um grupo de Europeus acenou.

- Bora gravar com eles ali, Felipe.

Não fazia sentido caminharem no meio daquela estrada, não havia nada ao redor além de mato. Mas eram dois casais de surfistas, para eles o mais importante estava do outro lado da rodovia. Uma viela estreita, escondida. A placa identificava o lugar mais visitado por turistas em El Salvador: El Tunco, uma vila que não ia além daquela rua de chão batido. Eram pousadas e bares cheios de surfistas, todos com a mesma idade apesar das idades diferentes. Tudo o que o tio procurava em suas viagens. Apesar de não conseguir se equilibrar em uma prancha nem mesmo na areia, Emilio gostava do estilo de vida dos *surf spots*. Sem camisa, de chinelo, mulheres bronzeadas, o mar sempre ao lado.

Parou a Kombi no estacionamento de um hostel, no final da rua, e desceu para conferir o motor.

- O carburador tá encharcado de gasolina. Ia pegar fogo a qualquer momento.

- E o que a gente vai fazer?

- Arrumar, mas não agora. Bora ver essa praia primeiro.

A areia preta, o mar cheio de pedras, nenhuma mulher tomando sol. A atração de El Tunco eram as ondas gigantes que quebravam quase na beira da praia. Uma direita de quatro metros que Índio surfava todos os dias, depois do suco de laranja no café da manhã.

Ele desce ao primeiro andar do hostel, cumprimenta os funcionários que tiram as cadeiras de cima das mesas do bar, e pega sua prancha para, sentado na grama, raspar a parafina. São oito e meia

da manhã e o surfe é um ritual para Índio, que se encontra com as ondas antes mesmo de ver a filha de dois anos acordar. Surfa sozinho onde os turistas não tem coragem de entrar. Poucos locais conhecem, como Índio, onde está cada pedra.

Na volta da praia, toma um banho de mangueira, lava a prancha e a coloca em seu lugar. Enquanto seca o cabelo comprido, segurando um elástico com os dentes, observa dois homens descerem de um Volkswagen verde e branco, estacionado no seu terreno. Um deles vem rindo em sua direção.

- Que onda! Por favor, você que é o dono do hostel?

- Sim.

- Estamos fazendo um *recorrido* do México ao Brasil nesse Volkswagen. Temos pouco dinheiro, podemos dormir aqui no seu estacionamento?

À noite, turistas e locais se juntam entre os dois bares de El Tunco. Felipe e Emilio pedem uma cerveja e não demoram a se misturar com os europeus da mesa ao lado. Mulheres de biquíni, homens sem camisa, todos vestidos como se acabassem de voltar da praia. A luz baixa ilumina o pequeno palco, com uma bateria montada e uma guitarra encostada na parede. Um alemão, com o cabelo encaracolado loiro saindo debaixo do boné, levanta e coloca a correia da guitarra em volta do pescoço, puxa o tripé com o microfone e começa a cantar.

Segunda cerveja. Emilio vai até o balcão para conversar com a garçonete. Olhava para ela desde que chegara ao bar. Felipe bebe sozinho ouvindo a *surf music* do alemão até que ele volta. Ela era casada com o proprietário. Quinta cerveja. Todos do bar cantam e a rua está tão cheia que não passam mais carros. Felipe e Emilio começam a conversar sobre a vida.

- Acho que as pessoas se desviam por medo. Deixam o medo engolir a vontade de fazer o que gostam, o que elas querem de verdade. Felicidade é ter

coragem para tomar a decisão de fazer o que se gosta na vida.

Índio tomava uma cerveja encostado a uma das pilastras do bar, abraçado na esposa e rodeado por amigos. Aplausos ao fim do show improvisado do alemão, e ele bate no ombro de um, acena para outro no bar ao lado, ajeita o rabo de cavalo e sobe no palco. Larga sua cerveja ao lado da bateria e começa a bater as baquetas.

- Olha a vida do Índio, Felipão. Vai lá e pergunta se ele quer ir pra Nova York passar frio, trabalhar em um escritório pra ganhar quatro vezes mais que ele ganha pra viver aqui. Ele não deve nem saber quando foi a última vez que botou uma camiseta.

A bebedeira em El Tunco foi contada junto com o vídeo que haviam postado na internet. No fim da noite, Felipe foi atrás do bar para fazer xixi e caiu dentro da fossa séptica. O tio tinha tudo gravado, mas era para mostrar para todos, não para ela. Mas três dias sem notícias não faziam mais tanta diferença.

Deviam estar na estrada, finalmente acelerando. Não por causa dela, mas acelerando. Dariam um jeito no carburador para a Kombi chegar até San Miguel, onde um mecânico o regularia de uma vez para não gerar mais problemas até o final da viagem. Atravessariam Honduras em um dia e a Nicarágua em três, o importante é que estavam chegando.

9 – O milagre

Puerto Viejo é diferente das outras praias da Costa Rica. Não tem a atmosfera americanizada de Tamarindo, cheia de bares que vendem hambúrguer e Budweiser, nem é quase abandonada como Jacó, chamada de cagó pelos locais das outras cidades. No calçadão, negros de dreadlocks vendiam artesanato, oferecendo os brincos e pulseiras em um inglês parecido com o dos belizenhos. Os ancestrais deles chegaram da Jamaica no século XVIII e se misturaram com os indígenas, que virariam seus empregados nas plantações de cacau e nas fazendas de extração de madeira. Os habitantes de OldHarbour, como era conhecida a vila, viviam isolados da cultura e do comércio costarriquenho, até que em 1979 o governo terminou a construção da estrada que transformaria Puerto Viejo em destino turístico para surfistas do mundo todo. Depois que os norte-americanos e europeus descobriram a Salsa Brava, maior onda da Costa Rica, o que sobrou para os afro-americanos foi aquilo. Vender artesanato.

Foi pela onda que Aldo chegou na cidade na década de 80. Brigou com os pais e saiu de casa com a prancha debaixo do braço. Fumaria quanta maconha quisesse, trabalharia com algo que amasse e moraria perto do mar. Folheava uma revista de surfe na rodoviária quando viu uma foto da Salsa Brava. A perfeição, formação tubular em quase cinco metros de altura. Deixou o Peru aos 21 anos e saiu em uma viagem com o amigo Paulo até Puerto Viejo.

Eu falava com um dos negros de dreadlocks. Escolhia um brinco para levar de lembrança para Mariana quando vi uma Kombi parecida com a nossa estacionar em frente a uma loja de camisetas. Um homem da minha altura, magro, de barba e cabelo loiros, entrou com uma pilha de caixas de papelão.

Aldo guardava as camisetas que não tinham sido vendidas. Mais uma tentativa de negócio que não deu certo. Ele mesmo fazia as ilustrações e mandava produzir, mas o turismo andava fraco ultimamente, não

valia a pena pagar o aluguel da loja. Ele e a esposa arranjariam outra forma de pagar o aluguel, faziam isso há 28 anos.

- Eu me lembro desses Argentinos! Passaram por aqui há alguns anos! – sorriu enquanto ajeitava uma das caixas no banco traseiro.

Fora lá que Pole e Soly compraram a Kombi para viajar até o México. Só havia duas Westfalias em Puerto Viejo, impossível não lembrar.

Esperávamos os documentos novos ficarem prontos. Havíamos atravessado a Costa Rica mais de uma vez para fazer o que Emilio negou para a sobrinha no México: turismo. Joana queria conhecer todas as praias, as reservas naturais do “país mais verde das Américas”, o vulcão Arenal em La Fortuna. Fizemos rafting, tirolesa, trilhas para encontrar cachoeiras, e paramos para ver os crocodilos em um rio, no meio de uma cidade.

Era com ela que passara tardes conversando em frente ao computador, na Guatemala. Nas poucas vezes que deixara Victor trabalhando sozinho, Emilio combinava os dias que Joana passaria na Kombi. Teria que ser no melhor de todos os países, o mais bonito. Ela viria de San Francisco, nos Estados Unidos, para a Costa Rica, para ficar com ele por duas semanas.

Não importava o que eu pensasse, estava tudo combinado. Joana iria, sim, viajar conosco. Era uma mulher legal, apesar de não lembrar direito como se conheceram. Adicionara-o no Facebook no dia em que chegamos na Cidade da Guatemala. Contou como em uma noite, uns três anos antes, haviam saído juntos de um bar em São Paulo e ele não ligou no dia seguinte. Ela gostava de academia, esportes, samba-rock, fotografia. E por ela atravessara com pressa, em uma semana, três países da América Central.

- Cadê a porra desse GPS que não funciona?

Emilio dirigia entre o trânsito paulistano de San José, capital da Costa Rica. A Suíça centro-americana de que os *ticos* se orgulhavam não era nem um pouco organizada.

- Dobra à direita aqui.
- Avisa antes, caralho!
- Então dobra na próxima.
- Contramão.

Era uma mulher linda, de 28 anos. Forte, musculosa até, não ficava para trás de nenhuma capa de revista. Nos esperava sentada no restaurante do aeroporto e não viu quando chegamos. Escorada meio na parede, meio na cadeira, tomava um suco e organizava fotos em seu computador. A Kombi refletia na porta, e suspeito que fosse para ela que Emilio sorria com cara de apaixonado quando viu, através do vidro, Joana pela segunda primeira vez.

Fui para o banco de trás e fiquei lá para sempre. Tinham muito que conversar, embora se falassem há semanas pelo computador. Como ela se mudara de São Paulo para morar nos Estados Unidos com a irmã, o trabalho de bar tender, o sonho de ser fotógrafa. Peguei no sono antes, mas tenho certeza que falaram sobre a vida fora do Brasil e Emilio fez a mesma analogia da melancia aguada.

Joana olhava para ele com admiração e escutava tudo o que dizia com atenção. Queria uma grande aventura. Deveria ter chegado antes.

Depois que saímos da última oficina em El Salvador, pretendíamos cruzar a fronteira com Honduras para passar pelos 200 quilômetros da costa pacífica em poucas horas. Era o país mais temido por Emilio. Mas demoramos muito na aduana.

Guardei as câmeras dentro do cofre de ferro, escondido embaixo do banco traseiro. Seria o mesmo procedimento para todas as fronteiras. Emilio desceria para legalizar a entrada do carro e seguiria para a fila da imigração. Quando voltasse, vigiaria enquanto eu carimbasse meu passaporte.

Os tramitadores ofereciam ajuda centenas de metros antes. A fila de carros andava lenta e fechamos as janelas para que as crianças, que se penduravam na Kombi com os pés no para-choque, desistissem de pedir dinheiro com as mãos esticadas para dentro. O lugar era tão desorganizado que parecia que uma delas estaria atrás do guichê para autorizar nossa entrada.

Muito pó, muita gente e horas de espera.

Quando anoiteceu estávamos na metade do trajeto até a Nicarágua. Não havia departamento de polícia e o corpo de bombeiros não tinha nem caminhão. “Vocês podem dormir aqui, mas ninguém fica para cuidar”, nos disse um dos bombeiros.

-Vamo direto pra próxima fronteira. Reza pra essa Kombi não quebrar – disse Emilio, conferindo o motor antes de voltarmos à rodovia.

Os buracos da estrada obrigavam a ir ainda mais devagar. Estava escurecendo e, apesar do calor, fechamos os vidros para os mosquitos não entrarem.

- Olha só o tamanho daquela casa – aponte.

- É ali que nós vamos dormir – deu um giro completo na direção e manobrou para fazer a volta.

A dona da mansão autorizou a entrada. Eu estava morrendo de fome. Emilio estacionou no pátio e descí para tirar da geleira o frango assado que compramos ainda em El Salvador. Coloquei oito fatias de pão sobre uma mesa e arranquei com as mãos pedaços do bicho para fazer os sanduíches.

Enquanto limpava a bagunça, conversei com o segurança, que a cada quinze minutos completava uma volta no terreno.

- Podem ficar tranquilos, Honduras só é perigosa nos números.

- E por que tu tá trabalhando aqui, então? Se não fosse perigosa ninguém precisaria de um segurança caminhando pra lá e pra cá com uma espingarda dessas.

- Olha o tamanho dessa casa – gesticulou com um dos braços como se me apresentasse a mansão. - Quem tem muito sempre tem medo de perder alguma coisa – disse antes de ajeitar o boné, colocar a espingarda nas costas e seguir para mais uma ronda.

Ele tinha razão. A América Latina não é feita de estatísticas. Os dados e os índices não levam em conta a opinião do segurança. A América Latina é feita das histórias que ninguém conta.

E o Zagaia contava todas as dele, uma após a outra, quando acordei no banco de trás.

- Jô, você não tem noção do que era aquela descida. Graças a Deus que nós desistimos na hora certa, eu nunca mais ia conseguir tirar essa Kombi de lá.

- Pra onde tamo indo? – me sentei no banco.

- Três Rios. Chegando já. – me respondeu olhando pelo espelho.

- Praia?

- Mecânico.

- Kombi de merda. – deitei novamente.

- De merda, mas você só tá aqui por causa dela.

- Tá, deixa ele, continua com a história – disse Joana, ajeitando a pena de galinha que amarrada com um cordão segurava o quebra-sol.

- Felipe, compartilho da opinião da minha irmã Adriana sobre você. Então, Jô... em Cobán perguntamos se seria possível chegar lá de Kombi e nos responderam que sim.

Um caminhão de gente desceu para esperar o ônibus para Lanquín. Os funcionários de fazendas na Guatemala eram transportados como gado, apertados

na caçamba dos caminhões. Trinta pessoas, entre homens, mulheres e crianças, esperavam pela viagem de mais meia hora, em um ônibus lotado, para chegarem em casa.

Era mais uma estrada de terra. Não era íngreme e as rodas grandes passariam facilmente por aqueles buracos. Estávamos na segunda curva quando um jipe nos passou levantando poeira e jogando as pedrinhas que escorregavam ladeira abaixo contra a Kombi. A estrada foi ficando mais inclinada e os buracos aumentavam de tamanho a cada curva.

- Meu Deus... Felipe, olha lá para baixo.

Parou o carro, que rodava lento como que se estivéssemos a pé. A estrada continuava, sinuosa, por vários quilômetros, até que não pudéssemos ver o final.

- Não vai dar. A gente tem que voltar.

Mas não havia espaço para a manobra. Era o paredão da montanha de um lado e uma queda enorme do outro.

- Tô começando a sentir o motor forçando. Se essa Kombi quebra aqui a gente não tira ela nunca mais.

Haviam nos dito que levaríamos três horas para fazer os 62 quilômetros de Cobán até Semuc Champey. Fizemos os primeiros quarenta, de asfalto, em trinta minutos. O mesmo tempo que levamos para descer aquelas centenas de metros.

- Segue até achar onde manobrar, Emilio.

- A gente não vai mais sair daqui, Felipão. Se chover, não tiram essa Kombi desse lugar nem de helicóptero.

Zagaia colocou a Kombi no espaço onde eu não conseguiria colocar uma bicicleta e fez a volta. Peguei

duas pedras e deixei aos meus pés, as pastilhas de freio haviam fervido na descida.

- Agora reza, porque se não der certo acabou a viagem – disse, com os dedos entrelaçados encostados na testa e na direção.

Alguns trechos eram estreitos, e se algum carro interrompesse nossa subida, na melhor das hipóteses perderíamos o embalo e dificilmente chegaríamos à rodovia.

- Foi um milagre, Jô. Tinha que ver. Fizemos em menos de cinco minutos o que a gente desceu em trinta. E sem nenhum carro no caminho. Foi a mão de Deus que levou essa Kombi, eu nem senti o tempo passar naquela subida. Ele quer que eu chegue com esse carro no Brasil.

A mão de Deus com certeza já havia passado por ali. Uma ponte de pedra calcária de 300 metros de comprimento com piscinas preenchidas pela água que desce das montanhas. Piscinas naturais de água cristalina, uma colada na outra, separadas por pequenas cascatas. Os degraus acabam em uma cachoeira que deságua no Rio Cahabón, que passa barulhento por baixo e chega calma Lanquín.

Havíamos deixado a Kombi na garagem de um mercadinho à beira da rodovia. Uma hora de ônibus até a cidade e ainda andaríamos mais trinta minutos na caçamba de uma caminhonete para chegar ao paraíso. Semuc Champey estava muito bem escondido.

Chegamos.

- Acorda, seu cansado! – me balançou, rindo.

O barulho de ferro batendo, o som do radinho à pilha, as risadas e o cheiro de graxa. Não precisava abrir os olhos para saber que estava em uma oficina. Depois do *taller* de Olegário, na Guatemala, passamos a noite dentro de uma mecânica em Manágua, na

Nicarágua. Fora as tardes com Victor, os mecânicos do México e os de El Salvador. Estávamos em Três Rios, na oficina de Jorge Vega.

Joana fotografava. Não só porque queria agradecer Emilio, parecia gostar mesmo de fotografar peças e carros antigos. Retratos dos mecânicos, meus, do Zagaia. Não tinha mais nada para fazer. Pelas próximas horas, Emilio só daria atenção a Jorge e Álvaro, seu assistente.

Ela tentava chamar atenção como podia, mas não mais que a fuga de ar em um dos pistões, trabalho para dois ou três dias que Jorge só faria depois do final de semana. Joana não queria esperar, não podia perder nem um dia das duas semanas que passaria no Caribe. Mas Emilio tinha que passar os documentos da Kombi para o seu nome, e o advogado que Poli recomendara vivia em Três Rios. Ela teria que dormir sua primeira noite ali, dentro da Kombi, na frente da oficina.

Saí do carro quando Emilio me ofereceu o iPod. Nos próximos dias eu buscava parcerias com albergues e pousadas por onde passássemos. Não pelo conforto da Joana, mas para evitar a situação desagradável que para o Zagaia não era nada demais. Deixei os dois na Kombi e fui beber uma cerveja, no bar ao final da rua.

Era o jeito do Emilio, não tinha o que fazer. O *sports bar* me lembrava Miami. Havia passado com a Mari em frente a um parecido. Lembro que parei na entrada para assistir a uma notícia sobre uma enchente no Brasil. Caminhávamos com Tonyem um shopping a céu aberto, com coqueiros artificiais e paredes de gesso que pareciam mesmo de plástico, e o que ele me falou naquela noite eu levaria até o final da viagem.

- Felipe, como você definiria o que é felicidade para você em uma só palavra? – me perguntou Tony.

- Hmm... sei lá, paz – respondi e eu realmente nunca tinha pensado.

- And for you, Tony?

- Aceitação. E não digo aceitação de resignação, de não encarar problemas, mas de entender que não podemos mudar certas coisas, pessoas por exemplo.

Aguentaria as piadas dos dois, que falavam baixinho quando eu chegava perto. Aguentaria o jeito mandão de Joana, que hoje vejo que nem era tanto. Pensaria na Mariana em cada banho de cachoeira, em cada caminhada sozinho pelas praias da Costa Rica.

Comprei os brincos do negão em Puerto Viejo, imaginava como ficaria nela. Poderia até arranjar outra namorada, como dizia Emilio, mas nenhuma combinaria tanto com aqueles brincos.

10 –Panamá

Chegamos sem avisar pelo segundo final de semana seguido, mas mesmo assim fomos tratados como hóspedes de luxo na casa dos Mannaert. Quando uma das empregadas dominicanas abriu a porta para Emilio, a outra o recebeu com uma cerveja Miller bem gelada. Ele caminhou até o terraço do apartamento, que era maior do que um campo de futebol, e encontrou Ana Cecília brincando com o bebê. Gostava daquela vida. Era bom ser livre, independente, não ter compromisso com o trabalho, mas o conforto da Punta Pacífica parecia chama-lo toda vez que tentava ir embora.

A capital se desenvolveu depois de 1999, quando o país assumiu o controle do canal que corta o Panamá de leste a oeste. A plateia assiste em uma arquibancada e aplaude cada navio que passa de hora em hora. O principal ponto turístico de Panama City trouxe mais de sete bilhões de dólares ao governo nos 13 anos após o fim da concessão aos Estados Unidos, só em 2012, as taxas pagas pelos navios que cruzam entre Atlântico e Pacífico somaram um bilhão. Mas Emilio sabia que a cidade não era só riqueza.

Sem conexão por estradas para ir à América do Sul, precisaria despachar o carro em um container, dentro de um dos navios do porto de Colón. Os *viajeros* falavam na internet de um *ferry boata* ser criado nos próximos meses para a travessia entre Panamá e Colômbia, muito mais barato. Mas não podia esperar. Ficaria acordado em frente à estação central de polícia da capital para ser o primeiro da fila para a inspeção obrigatória para a travessia. Quando chegou, cinco carros estavam na frente, com o capô aberto para esfriar o motor até a hora da inspeção. Trânsito movimentado, poeira das obras da prefeitura e um calor de trinta graus às seis da manhã. Não dormiu nem um minuto, temendo um possível assalto. Acompanhava o policial que fazia a ronda, sem tirar o olho da Kombi. No Albrook, a poucos quilômetros da costa, conjuntos habitacionais se empilhavam entre os

viadutos. Segundo o policial, na periferia de Panama City os roubos acontecem na frente da delegacia. Era melhor levar apenas os centavos necessários para as cópias dos documentos, no cyber café da esquina.

Já no bairro aterrado de Punta Pacífica vivem os estrangeiros que investem seu dinheiro em um país que não lhes cobra impostos. A movimentação de dólar é tão grande que o governo o assumiu como moeda corrente no lugar do balboa. De frente para o mar e para as três ilhas conectadas ao fim da Avenida Balboa, o almoço é servido no terraço do apartamento da família Mannaert. Ao lado do prédio, a Trump Tower, o hotel em forma de vela de navio, símbolo da modernidade da cidade. Entre os convidados, outros expatriados como Ana Cecília e o marido Remi, diretor de uma ONG que incentiva a criação de escolas para o desenvolvimento da América Latina.

Brincando com o bebê em seu colo, Emilio lhes explicava o porquê de ter voltado. Estavam sem o carro, precisavam de um lugar para ficar até a manhã seguinte quando iriam para El Porvenir. Os trâmites em Colón foram mais complicados e custosos do que havia pensado, não podia bancar hotel. Foram quase dois mil dólares para despachar a Kombi até o porto de Cartagena. Antes, ficaram dois dias na cidade vizinha, Portobello, procurando opções baratas para ir à Colômbia.

Séculos depois de o porto ser nomeado por Cristóvão Colombo, 500 homens remaram por quatro dias nas pequenas canoas levadas para a invasão. Um pescador foi forçado a mostrar o caminho para passarem despercebidos pela primeira fortaleza. Na noite de 10 de julho de 1668, o Capitão Henry Morgan ordenou o ataque. As canoas atracaram lentamente a três milhas de Portobello, e em poucas horas a cidade considerada central para as negociações espanholas foi tomada. O velho corsário inglês não foi preso como a maioria dos piratas: virou governador da Jamaica e nome de marca de rum. Mais de três séculos

depois as fortalezas ainda estão, em ruínas, com os canhões apontados para o mar. Como se preparadas para a chegada de novos invasores. Hoje, catamarãs repetem o trajeto dos navios piratas. O transporte de Portobello até Cartagena, com paradas nas ilhas de San Blas durante os cinco dias de viagem, custa 500 dólares. Era muito, teríamos que encontrar outro jeito.

Estacionamos no terreno em frente às ruínas para comer um sanduíche de atum. Emilio mijava em uma duna e eu tentava abrir o enlatado quando uma van verde parou ao meu lado.

- Ei, vocês tem *marijuana*? - disse, em inglês, um velho com uma camisa florida e boné virado para trás.

- Não, bem que gostaríamos! - brincou Emilio, caminhando de volta até o carro.

- Vocês devem ter bolas pra dirigir um carro assim sem maconha! - acelerou, sem se despedir.

Encontraríamos aquele senhor novamente mais tarde. Trabalhava no hostel ao lado do terreno onde, depois de comer, ficamos para dormir. E ele nos daria o telefone do homem que nos buscaria em Panama City para a travessia até a Colômbia.

Provávamos a picanha grelhada por Remi quando mais um casal de convidados chegou. A brasileira Roberta cumprimentou os donos da casa e sentou-se para conversar com a anfitriã, enquanto o canadense John Derby levou uma sacola até a churrasqueira onde Remi preparava o almoço. Dentro, o atum que havia pescado em Santa Catalina, uma praia a duas horas de carro dali. Emilio falou que era a cidade para onde fomos uma semana depois de entrarmos no Panamá e aproveitou para puxar assunto sobre a viagem.

Na Costa Rica, Jorge Vega finalizara o serviço, incluindo o conserto da barra de direção que havia quebrado. A um quilômetro da divisa, paramos para

mais um sanduíche de atum e para guardar todo o equipamento em segurança.

- Tá pingando óleo dessa merda! Agora a gente tem que decidir se vai ou se volta.

Fomos. Tínhamos que ir, era muito tempo parado. A Costa Rica foi uma decepção para Emilio, que acreditava que seria o país com as praias mais bonitas de toda a viagem. Para mim, era um alívio continuar. Queria chegar logo à América do Sul.

A cada cinquenta quilômetros, comprávamos uma garrafa de óleo. Passamos duas noites dentro do carro, embaixo de uma árvore, no pátio da casa de mais um mecânico, em Santiago do Panamá. O dinheiro estava acabando, conversávamos sobre deixar a Kombi e voltar para buscá-la em um ano.

- Você tem que acabar essa viagem, Emilio. Foram dois anos planejando.

- Quero fazer com calma, sem ter data pra chegar e tranquilo pra conhecer tudo.

- Mas eu tenho data pra chegar, você sabe.

- Para com isso, Felipe. Você pode ficar um ano viajando, deixa a Mari lá. Não vai fazer diferença chegar hoje ou ano que vem.

Nos deitamos cada um com um facão na mão. O motor estava no chão, fora do carro. Ao lado, um bordel de beira de estrada bem movimentado. Emilio tinha dormido e pela janela eu via pessoas olhando e apontando para a Kombi. Eu esfreguei os olhos para ver se era verdade. Estava quase dormindo quando um homem se aproximou, olhou para dentro do carro pelo para-brisa, e forçou a maçaneta para tentar abrir a porta.

- Emilio! Acorda que tem alguém tentando arrombar!

Ele levantou com o facão na mão e abriu devagar a cortina do banco traseiro.

- É o mecânico.

O vazamento parou e chegamos a Santa Catalina em duas horas. Não sabíamos nada sobre a praia, fomos por indicação do mecânico, para testar o motor. Poderíamos ter chegado antes, mas Emilio queria gravar cada curva. Tinha dias em que precisava muito trabalhar, mesmo que a estrada não fosse diferente dos outros 15 mil quilômetros que viriam.

Parecia a praia do Campeche, em Florianópolis. Uma faixa comprida de areia e uma ilha grande a dois quilômetros da costa. Crianças surfavam a marola que quebrava quase onde eu molhava os pés. As luzes da vila ao redor da praia, com 300 habitantes, apagariam em breve. Destino alternativo no Panamá, Santa Catalina só tem energia elétrica até às oito da noite. As praias de Bocas del Toro, ao norte, recebem a maioria dos turistas – os que iam até ali tinham algum objetivo específico. Mergulhar na reserva de Coiba entre tubarões martelo e arraias, surfar ondas de até três metros, ou pescar peixes grandes com uma autorização que o órgão responsável pelo meio ambiente dá para poucos.

E John Derby havia pescado um dos grandes. Ele e um amigo canadense conversavam sobre a pescaria em seu apartamento, no andar de baixo, após o churrasco. Seis esculturas feitas com facas decoravam a sala de estar. Corpos de metal entrelaçados que custavam trinta mil dólares cada. “O peixe que havíamos comido no almoço não se encontra em qualquer lugar”, comentou.

Walter, o amigo, tinha 40 anos e, assim como Emilio, nunca se preocupara em casar ou ter filhos. Morava havia cinco anos em Panama City e falava poucas palavras em espanhol. “Dólar é a língua oficial aqui”, respondeu rindo e apressou-se em deixar claro que era brincadeira. Não precisava falar outro idioma. Todos os amigos falavam inglês, os restaurantes que frequentava não tinham empregados panamenhos, e as

mulheres com que saía não falavam muito. Estava terminando de montar um novo *nightclub*, onde investiu dois milhões de dólares.

A filha de John andava de patinete pelo apartamento e levava alguns minutos para dar uma volta completa. A campainha tocou, e ele pegou o brinquedo para ir até a porta. Um careca de quase dois metros de altura, com uma camisa florida, sorriso aberto e um olhar de psicopata. Em um patinete. Abriu para mim e para Emilio e caminhamos até a mesa em frente à piscina.

- John estava me falando da viagem. Vocês tem patrocínio? – perguntou Walter, antes de um gole de vodka com suco de cranberries.

- Não.

- Vocês deveriam jogar poker com o John. Semana passada eu tirei dois dele. Já me deve seis.

Eu ainda tentava entender quanto eram dois e seis quando ele gritou:

- John! Eles querem jogar com você!

- Querem mesmo? – sorriu entusiasmado.

- Não, desculpa. Poker contra milionários não está no orçamento da viagem.

Os dois se provocaram por alguns minutos até que John voltou com as fichas e uma toalha para a mesa.

- Se eu ganhar, te pago 1500 e quito minha dívida. Se eu perder, você adiciona 1000 ao que eu te devo.

- Vamos fazer diferente. Se eu ganhar, você dá mil dólares para a viagem deles. No caso remoto de você vencer, me paga mil e dá 500 para eles.

Emilio começara uma campanha na internet havia um mês. Pedia colaborações para juntar dois mil reais para a travessia até a América do Sul. Parte dos

problemas podiam acabar em um jogo de poker que ele nem participava, com dois caras que ele nem conhecia.

Com um ás e um cinco de copas, John tinha 29,7% de vencer a mão decisiva. Walter, que tinha um ás e um rei de naipes diferentes, com 65,8% de chances antes da virada das primeiras cartas, apostou o resto de suas fichas. Os dois mostraram suas cartas e Emilio apontou para o céu com os indicadores depois da virada das três primeiras da mesa. Mas a última carta era outro cinco.

John sorriu, puxou um bolo de notas de cem dólares do bolso de trás da calça jeans e deu cinco para Emilio e dez para Walter.

- Um, dois, três, quatro, cinco. Gostei desse número. Se você quiser, podemos jogar por esses quinhentos.

Às quatro da manhã, o motorista nos esperava na portaria do prédio. Indicado pelo velho maconheiro de Portobello, nos levaria até El Porvenir, território dos KunaYala, para pegarmos o barco que nos levaria a Cartagena.

Os Kunas são os indígenas que governam as ilhas de San Blas e parte da costa sudeste do Panamá. Na última lua de mel de Remi e Ana Cecília, o arquipélago de 42 ilhas estava fechado por ordem do cacique. As comunidades vivem da pesca, agricultura e turismo, e o governo paralelo os priva de luz elétrica e saneamento básico na maior parte do seu território.

Eu passei a noite anterior conversando com a Mari pela internet, teria dez horas de viagem para dormir no barco. Mas o conforto de Panama City estava cada vez mais distante.

Quando chegamos a El Porvenir, o calor era forte e os mosquitos mordiam até no rosto. O capitão pediu nossas malas e as jogou em sacos de lixo, dentro de um barco de pesca.

Se eu dormisse cairia dentro d'água. Viajei agarrado na tábua de madeira onde estava sentado. O barco, lotado com três pessoas, navegava costeando a

praia e as ondas batiam fortes. O posto do exército que autorizaria nossa saída do país estava em uma das ilhas, a quatro horas de distância. Para chegar à aduana da Colômbia precisaríamos de mais seis.

Passávamos em zigue-zague entre as ilhas, com a cabeça abaixada porque a chuva fina doía no rosto com o vento forte. A maiorias delas tinha casebres com banheiros ao ar livre e deques de madeira que cobriam toda a areia. Mas as em que Remi e Ana Cecília passariam a lua de mel eram aquelas com cabanas de bambu perfeitas, redes amarradas entre os coqueiros e indígenas vestidos com trajes típicos.

Eram cinco para às seis quando chegamos à Colômbia. Cinco minutos antes do horário da aduana fechar, mas o único funcionário não estava. Era hora de ir para o bar, nossos relógios que estavam errados. Expliquei que o próximo barco para turbo sairia em quinze minutos e ele não levaria dois para carimbar nossos passaportes, mas me respondeu com um *"a mi poco me importa"* e continuou bebendo. Capurganá, isolada do resto do país pelo mar e pela selva, só funcionava até às sete da noite, por isso a pressa em ir para o bar. Turistas e locais caminhavam por todos os lados, cruzando o campo de futebol onde Brasil e Argentina jogariam até o apagar das luzes. A cidade era uma bagunça, com os mil habitantes na rua até escurecer.

A mesma senhora que passava com o carrinho de doces antes das luzes se apagarem, gritava para vender assados em frente ao trapiche, ao amanhecer. Os três barcos, bem maiores que aquele que nos levou até ali, foram lotados até Turbo, cidade mais próxima com conexão à rodovia. Voltaríamos ao conforto, voltaríamos à estrada.

11 – As sereias

O cheiro de lixo era insuportável. A água da baía de Turbo era verde e todos desceram dos barcos tampando o rosto com a camiseta. No trapiche, três tramitadores por pessoa se empurravam para ajudar a carregar as malas. Sabíamos apenas para onde iríamos. Desde a saída de Panama City, fomos até Cartagena seguindo o fluxo, sem questionar. Nos aproximamos de pessoas que seguiam para o mesmo destino, sem saber se era o melhor caminho. Mas em Turbo todo mundo se perdeu. A cidade parecia uma rodoviária imensa, e só os tramitadores sabiam onde estavam os ônibus. E pagamos caro para entrar no primeiro.

Da janela, vi alguns locais brigando com turistas para subir. O cheiro da cidade continuava dentro da lotação e um cachorro ao meu lado começou a latir quando um homem entrou com uma sacola com embrulhos em jornal. Nem eu nem Emilio cedemos nossos lugares para as mulheres em pé no corredor. Seria mais uma viagem longa e tão difícil quanto pelo mar.

Pulávamos do banco toda vez que o ônibus caía em um dos buracos. Um casal de peruanos levantou para pedir ao motorista para ir mais devagar, mas se fosse, demoraríamos muito para chegar. Depois de cinco horas, quando o cheiro de podre estava mais que insuportável, o homem com a sacola cheia de embrulhos passou se espremendo para sair e deixou-a cair. O pastor alemão atacou o pedaço da perna de boi enrolada no jornal e se enfiou embaixo de um dos bancos.

Mais um ônibus e um táxi e finalmente chegamos a Cartagena de Índias. Para o Zagaia, não interessava que aquela era uma cidade histórica, onde os espanhóis desembarcaram pela primeira vez na América do Sul, em 1533. Que as muralhas defenderam ataques de piratas e que a casa de Gabriel Garcia Márquez fosse aquela ali no final da rua. Queria apenas tirar sua Kombi do porto e conhecer as

colombianas, que pela propaganda de John e Walter, no Panamá, eram as mulheres mais bonitas do mundo.

Passou os três primeiros dias transitando entre o porto e o escritório responsável pela logística do carro e queria que eu estivesse junto, esperando enquanto ele brigava com atendentes.

Mas no segundo dia saí para andar pelo centro histórico. Muralhas gigantescas cercam todo o bairro que serviu de inspiração para Garcia Márquez escrever *O amor nos tempos do cólera*. Levei cinco minutos do hostel onde deixamos as malas até a torre do relógio da *ciudadamurallada*. No caminho, passei para comer no restaurante onde o escritor almoçava empanadas, mas estava fechado. Como ele mesmo disse, basta dar um passo para dentro da muralha para ver Cartagena de Índias em toda sua grandeza. Eram enormes, e acompanhavam o mar quase que em toda a costa da parte antiga da cidade. Tem a largura de uma grande avenida e caminhando em cima dela é possível se olhar direto para dentro das janelas dos últimos andares dos prédios históricos.

Nunca senti tanto calor como naqueles dias em Cartagena. Gastei os poucos pesos que tinha no bolso em limonadas e raspadinhas de gelo, vendidas por todos os cantos. Entrei no Hotel Santa Clara, onde as famílias ricas de *Do amor e outros demônios* se encontravam, e sentei em uma mesa à beira da piscina. Teria pulado na água se os seguranças não estivessem de olho. Um pequeno tucano voava de cadeira em cadeira, passando pela mão de alguns hóspedes. Era tudo realmente mágico, ou eu que estava deslumbrado com as ruas de calçamento de pedra, as praças com árvores seculares e os prédios de arquitetura colonial espanhola coloridos como as frutas que algumas senhoras carregavam em cestos, na cabeça. A cidade é uma obra de arte como as das réplicas dos quadros de Botero à venda em cada esquina.

No porto, Emilio tinha problemas para retirar o carro. Precisaria comprar um capacete e um colete para poder entrar, autenticar vinte páginas de documentos do outro lado da cidade e pagar duzentos dólares de

taxas que ninguém lhe explicava por que. Se aquele cansado do Felipe estivesse junto, dividiriam as tarefas e tirariam a Kombi do container de uma vez. Mas ele estava lá, visitando o jornal onde trabalhava um escritor e tirando foto de mais uma igreja.

Em León, na Nicarágua, Emilio não conseguia entender porque os turistas tiravam tantas fotos da igreja. A praia de San Juan delSur, uma das mais bonitas do mundo!, estava a quilômetros dali, por que perder tempo vendo igreja? Dentro da Catedral de la Asunción, embaixo de um dos 10 leões de mármore espalhados pela cidade, o túmulo de um dos maiores poetas latino-americanos. A antiga capital venera RúbenDarío com museus, mas tem coisa mais chata que poesia e museu? Leão de mármore? Na praia de San Juan delSur, o sol se põe atrás de uma pedra gigantesca que tem o formato do rosto de um leão, aquilo sim era poesia. História era para os velhinhos que olhavam para aquela igreja de dentro do ônibus, no ar condicionado, comendo sorvete. Para ele pouco importava que aquela fosse a antiga capital, que a catedral tinha mais de trezentos anos, que o museu de lendas e tradições havia sido uma cadeia onde torturavam prisioneiros políticos antes da revolução de 1979. Pouco importava quem era Somoza, ele queria saber era onde a moça que atravessava a rua iria naquela noite de quarta-feira, em Cartagena.

Cumbia, vallenato, salsa, reggaeton, merengue, rumba. As colombianas se mexiam como se quisessem conquistar cada homem na festa dos gringos de Cartagena. Emilio esquecera a Kombi por várias horas, mirando las más belas chicas de latino-américa. Mas ali não fazia diferença se era brasileiro ou não, como quando falava cheio de pose para as europeias que ele jogava futevôlei em Ipanema. Para as colombianas com que ele conversou, melhor seria se fosse europeu.

A festa no HostelMedialuna era famosa. Toda quarta, bebida e vallenato ao vivo no casarão da cidade velha. Eu bebia minha quinta, ou sexta, talvez sétima Corona quando uma morena de vestido verde, cabelo liso e peitos visivelmente siliconados, bateu a garrafa

dela na minha e "cheers!", brindou em inglês. Pensava que eu era americano, e quando falei que era brasileiro ela achou que fosse brincadeira. Me puxou para dançar e falava em espanhol ao meu ouvido, com um sotaque mais sexy que a voz de uma sereia.

"Tu encontrarás as sereias que seduzem todos os homens que delas se aproximam; mas todo aquele que, por imprudência, ouve seu canto está perdido, de modo que sua esposa e filhos jamais presenciarão seu retorno (...) Escuta-o, se quiseres, mas faça que teus companheiros te amarrem com cordas, no convés do navio, pelos pés e mãos, antes que escutes a voz voluptuosa das sereias."

Não podia me amarrar a um mastro, como Ulisses fez na *Odisséia*. E não conseguia controlar o mastro, ela levantava parte do vestido e rebolava sobre a minha coxa. Mariana me esperava na ilha de Ítaca, mas todo homem tem curiosidade em ouvir o canto das sereias.

Fui ao banheiro, lavei o rosto e olhei para o espelho. Já tinha aguentado três meses, agora faltava pouco. O Zagaia havia desistido e ido dormir em um dos quartos compartilhados do andar de baixo, ainda bem que não me vira com a colombiana das coxas grossas, pele morena, lábios carnudos e cintura fina, ah!, e a bunda, também tinha aquela bunda. Me incomodaria até o Brasil por ter dispensado uma mulher daquelas, que eu era jovem e devia aproveitar.

Ele me disse o mesmo em Medellín, três dias ou 700 quilômetros depois. Desde o México, todos comentavam das mulheres da cidade de Pablo Escobar, tinha que conferir. As que o Zagaia procurava se concentram no Parque Lleras, bairro onde se localizam os bares mais populares. E, depois de nos perdermos em uma cidade muito maior do que imaginávamos, estacionamos na praça, atrás de uma velha Kombi verde musgo.

Os argentinos Lucho e Majo haviam saído de Rosário havia um ano e meio. Viajavam sem datas e sem previsão de chegada, até porque não pretendiam chegar. Vendiam brincos, pulseiras, anéis e colares que eles mesmos produziam, mas naquela praça não tinham conseguido vender nenhum. As colombianas de calça jeans apertada, salto alto e blusa decotada não se interessavam por artesanato. Talvez tivessem seguido viagem para outra cidade onde vendessem mais, mas no dia seguinte Emilio voltou para busca-los. Ficariam conosco, na casa do casal que preside o clube dos amantes de Volkswagen em Medellín.

Outra Kombi estava estacionada na frente da casa de Uriel e Lisorelly. David e Jessica saíram de Mar del Plata com o carro azul, modelo 74. Foram ao México e estavam no caminho à Argentina. Assim como o outro casal de *boludos*, não tinham patrocínio e trabalhavam pelos lugares que passavam. No teto da Kombi, a prancha de surfe vai em cima da grelha para churrasco que sustenta o sonho. Como na Colômbia eram proibidos de vender carne na rua, passavam o dia vendendo oito sabores de waffles. Esticavam um toldo e, de dentro do carro, David misturava os ingredientes vestido com avental e chapéu de chef, enquanto Jéssica oferecia o produto para quem passasse.

Os *paisas*, como são chamados os nascidos em Medellín, lotam as praças da cidade. De manhã cedo até à noite, famílias passeiam com cachorros, crianças jogam futebol, adolescentes andam com seus skates e o cheiro de maconha no ar não incomoda nem os velhinhos que fazem alongamento todos os dias. Lucho e Majo só estavam na praça errada.

Quinze pessoas, em três fuscas e mais quatro Kombis, chegaram para ver a Westfalia dos brasileiros. Era uma relíquia, nunca tinham visto uma daquelas de perto. Uriel e Lisorelly pareciam felizes. O clube que criaram para admirar aqueles carros, seis anos atrás, havia virado a família que não tinham. Moravam sozinhos no centro de Medellín, sem filhos e sem parentes por perto. Ela psicóloga, ele matemático. Lisorelly sonhava em viajar com seu

fusquinha até o Brasil, Uriel em reformar a escola ao lado do sítio que tinha no alto de um morro em Santa Bárbara, cidade vizinha.

Fui até lá com ele, em um final de semana em que Emilio foi conhecer o teleférico de Medellín, modelo para o do morro de Santa Teresa, no Rio de Janeiro. A cidade onde os pais de Uriel moravam era escondida, e o sítio se escondia dentro dela. Passamos uma ponte de madeira, subimos e descemos dois morros até parar na metade do terceiro. A *finca* ficava lá no alto, mas não tinha como chegar com a camionete que pegara emprestada do vizinho para carregar os oito primeiros pneus da casa de borracha que queria construir. Todos riam quando ele falava que construiria uma casa com pneus, mas ele não se importava. Falava com calma que dias melhores ainda viriam para ele e para Lisorelly. Era alto, mas não se destacava no meio da multidão. Andava sempre pensativo, às vezes até parava de falar quando uma ideia surgia. Sorria tímido, a não ser quando estava entre o grupo de crianças com síndrome de down que visitava todas as quintas-feiras.

O plano eradois dias, mas ficamos uma semana na casa. Dividíamos as refeições, quase sempre arroz, feijão, bananas e arepas, umas tortilhas mais grossas. O chef era Lucho, que trabalhara como cozinheiro em um hotel em Bariloche antes de comprar sua Kombi. Ele sorria quando me via triste e repetia a mesma piada para me animar. Passaríamos na casa dos pais dele, em Rosário, e o escutaríamos chorar ao telefone, enquanto ouvia a mãe dizer que dois brasileiros, amigos *de lacarretera*, apareceram para uma visita. Em um dos almoços, contou que quando passava com a Kombi, as argentinas viravam o rosto. Mas Majo se apaixonou antes pelo carro do que por ele. Viu a Kombi e comentou, brincando, que sempre sonhara em viajar pela América em um Volkswagen. Se David e Jéssica eram dois surfistas, Lucho e Majo eram dois hippies. A graça estava nos problemas. Gostavam de organizar, consertar coisas com poucos recursos.

Na véspera da nossa partida, contraíminha terceira intoxicação alimentar, e Majo comprou os remédios que eu precisava tomar para diminuir a febre e o número de idas ao banheiro. Talvez por ser mais novo que a maioria dos viajantes, fui adotado por todas as famílias que conhecemos no caminho.

Em uma das idas ao parque onde passavam as tardes, Lucho e David foram tirar satisfações com Emilio, querendo saber por que ele xingava tanto o menino. "O moleque precisa perder a frescura, criar casca. Sigo compartilhando da opinião da minha irmã Adriana", respondia. Pouco depois Emilio encontraria o mesmo casal de ingleses pela terceira vez em três meses. A primeira foi na Guatemala e a segunda na Nicarágua. Nosso ritmo de viagem era tão lento que os dois – DE BICICLETA – nos alcançaram. Era hora de acelerar.

Na saída de Medellín, policiais fardadas acenavam para quem deixava a cidade. Lindas, as sereias. O outdoor atrás delas estampava a campanha do governo: "Colômbia: O único perigo é querer ficar".

De Medellín até Pereira, de Pereira para Cali, Cali para Popayán. Foram 884 quilômetros em três dias até a aduana de Ipiales. Estávamos no Equador.

12 – Os 40

Na estrada.

- Felipe, que viagem é essa, mermão!
- Pois é, tem algumas coisas que não têm explicação.
- É Deus, moleque, é Deus! O que foi aquele encontro com o Juan na estrada?

No dia do seu aniversário, o Zagaia estava calado. Normalmente dirigia enquanto zoava meu cabelo, buzinava e conversava. Mas naquele domingo ele só dirigia, inclinado sobre a direção, com os óculos escuros mirando reto. Não sei se pensava na falta de dinheiro, no final da viagem, talvez sobre a vida. Estávamos longe de Lima, o deserto tinha sido a paisagem dos últimos dias. A Kombi andava sem problemas, motor quase perfeito. Resistiu às subidas e descidas e foi descansar, empoeirada, no Balneário de Tortugas, na cidade de Casma.

Estacionamos na beira da praia do *pueblito* e entramos em um restaurante. Não havia mais ninguém na rua além dos três senhores bebendo em uma mesa, a dona do estabelecimento e os dois filhos que brigavam para ver quem servia a cerveja e quem jogava o videogame.

Na varanda, Emilio continuava sério, comendo arroz, salada e peixe. Olhava para a Kombi, ou para a praia que estava atrás, pensativo.

- O tempo passa voando.

Pedimos uma cerveja.

- Às vezes eu tenho a sensação que vou acordar e ter 40 também.

Entrei para pagar a conta e um dos meninos passou por mim com uma bola de plástico. Emilio deu um tapa embaixo dela e saiu brincando na rua, ao lado da Kombi.

- Vamo vê então, se prepara aí, goleirão!

Chutou a bola no telhado e antes dela descer o guri estava com sacolas de plástico nas mãos, entre as pilastras da varanda.

- A partida festiva do meus 40 não teve recorde de público nem a Dilma dando a saída de bola, mas fiz um golaço, dormi de frente pro mar e não tive que ir trabalhar no dia seguinte.

No dia seguinte, um motoqueiro passou em alta velocidade pela Kombi, na estrada para Lima. Tinha 42 anos, 105 quilos, pilotava uma HarleyDavidson decalça jeans, camiseta regata e bandana. Todo de preto. Acenou depois de buzinar e sumiu no horizonte. Viajava desde Piúra, mil quilômetros ao norte de onde estávamos, e ia até Nazca, onde tinha uma fábrica de extração de minérios.

- Que sorte que ele parou naquele posto depois que passou pela gente.

Em Lima, Juan nos buscou em frente ao banco 24 horas onde dormíamos, na avenida central do bairro de Miraflores. O movimento da rua e os seguranças dos cassinos ao redor faziam aquele lugar perfeito para passar a noite. Fomos cedo para um bar centenário no distrito de barranco e começamos a beber chilcano, um drinque preparado com pisco, a bebida típica do Peru.

- Porra, nem fala em chilcano. Não posso nem sentir o cheiro mais.

Emilio gostou tanto da bebida que comprou uma garrafa de pisco. Em Huacachina, um oásis perto da cidade de Ica, tomamos a garrafa inteira depois de subir e descer as maiores dunas de areia branca do mundo, onde acontecem os campeonatos de *sandboard*. Do topo da mais alta, era possível ver todo

o vilarejo ao redor do oásis. O lago cheio de coqueiros e a Kombi estacionada embaixo de um deles.

Dali seguiríamos até Nazca, rumo ao sul do Peru. Na beira da estrada, subimos em uma torre de observação para ver uma das imagens misteriosas formadas no deserto. As maiores só poderiam ser vistas de avião, ou então por fotos, em um planetário no hotel onde Juan estava hospedado.

A fábrica de extração de cobre dele era ali perto. Nos mostrou todo o processo de tratamento e mineração e depois nos convidou para jantar ceviche à beira da piscina do hotel, onde conversava com Emilio sobre a vida e ria, inclinando-se na cadeira de plástico, das histórias que o Zagaia contava da viagem.

Eles terminavam o primeiro copo e eu não sabia quantos tinha tomado. Quase dormia na cadeira quando a irmã e o cunhado do Juan me convidaram para ir ao planetário ter uma aula sobre as linhas de Nazca.

A tela embaçava e desembaçava. Não conseguia manter o foco, as imagens pareciam que vinham se encostar no meu nariz e voltavam rodando até o teto do planetário. Foram duas horas de tortura em que eu me esforçava para me manter acordado e me concentrava para não colocar o ceviche para fora. Entendi que alguns arqueólogos dizem que os indígenas de Nazca fizeram os desenhos para representar constelações, outros para serem vistos pelos deuses. Mas não entendi por que o teto começou a rodar para mostrar o rabo em espiral de um macaco. Minha cabeça começou a rodar junto, fechei os olhos e quando abri estava do lado de fora, sentado no chão com os braços em cima dos joelhos e a testa encostada nas mãos.

- Rá, Rá, Rá! Molecão de colônia, queimou a largada! – deu um peteleco na minha orelha. – E os perrengues, Felipão? No caminho de Machu Picchu até Arequipa... ali valeu o investimento naquelas roupas de frio.

Macchu Pichu já havia sido um grande perrengue. Desviamos nossa rota, antes rumo ao sul,

para o leste do Peru, passando por estradas estreitas de terra e pelos pontos mais altos de toda a viagem. Fazia muito frio a quase 5000 metros acima do nível do mar. Foram três noites em vilarejos que não tinham nem posto de gasolina, três noites sem tomar um banho.

Na estrada que seguíamos antes, no deserto, costeando o mar, as únicas pessoas que passavam eram os motoristas dentro dos caminhões, ou o exército em treinamento em seus tanques, como vimos outrodia. Agora, entre cada cidade pequena, pessoas carregavam lixo, vendiam frutas, levavam lenha na cabeça, e um senhor de 80 anos carregava um botijão de gás nas costas. Os mais velhos pareciam cansados, mas sorridentes. Surpresos quando descemos com câmeras numa partida de futebol em que o barranco ao lado do campo era a arquibancada.

Eram descendente incas, como os que moravam nas casas de barro da periferia de Cusco. Ao redor da Plaza de Armas, a cidade é incrível. Cosmopolita, com festas toda a semana. Na segunda noite lá, entrei em todos os bares, indo e voltando, passando em frente à estátua dourada de dois metros do índio Pachachútec. Como em Antigua Guatemala, os prédios históricos escondem a modernidade, mesmo a cafeteria de grife americana é obrigada a seguir os moldes da arquitetura barroca andina.

Emilio não repetiria o erro de Semuc Champey. Estacionou em frente ao posto policial de Cusco e pegamos uma van até Hidrelétrica. Seriam sete horas intranquilas entre estradas de terra e subidas vertiginosas. Eu estava quase dormindo quando um brasileiro sentado no último banco começou a vomitar.

Bom Cabelo, como Zagaia chamava o rapaz de camiseta do Iron Maiden, vomitou durante mais da metade da viagem, e estar no mesmo carro já foi um sacrifício. Todos cheirando pedaços de algodão com álcool para não gorfar junto com o Bom, que tinha arranjado uma sacola plástica que resolveria se não estivesse furada.

A van parou e seguimos o guia junto com Bom Cabelo e mais vinte pessoas. Caminhamos por três horas seguindo o trilho do trem no meio da mata, acelerando o passo para chegar em Águas Calientes antes de anoitecer.

O turismo desenvolveu a pequena vila no meio do nada, com restaurantes de comida típica até cozinha internacional, de pousadas até hotéis de luxo. Ficamos em uma pensão para mochileiros e comemos pão com atum, a nossa comida típica. No outro dia, subimos de ônibus a última montanha, a mais íngreme. Na curva final, passamos por Bom Cabelo, desidratado, buscando forças nos deuses incas para terminar a subida. Ele disse que tudo valeu a pena, apesar de ter esperado duas horas até o sol surgir atrás da montanha e dispersar a cerração que o impedia de tirar a fotografia que a avó tinha lhe pedido.

Caminhamos trinta minutos pela cidade perdida, e eu admirava aquelas pedras lá de cima. Como que, no século XV!, carregaram aquelas pedras gigantescas até ali? Eram 2400 metros de altitude. Para Emilio, graça nenhuma. Foi por dizer que foi, e nem faria diferença se não tivesse ido.

E o perrengue que ele falava não era a subida até Machu Picchu, mas a de Cusco até Arequipa. O sol batia na lateral da Kombi e a silhueta perfeita do carro se desenhava no outro lado da estrada. Quando passou por cima da sombra, o pneu dianteiro de um caminhão levantou uma das pedrinhas do chão contra o para-brisa da Kombi. De dentro do carro, chutei o vidro estilhaçado com os dois pés e ele caiu, em um só pedaço, no chão.

Uma neve fina caía dentro da Kombi, e sem para-brisa a velocidade parecia muito maior do que sessenta quilômetros por hora. Coloquei as malhas especiais para frio, três casacos, touca, meias nas mãos, e enrolei o cachecol ao redor da minha cabeça para cobrir quase todo meu rosto.

- Puta que pariu, quando que vai aparecer um posto? – repetia Emilio.

O medidor de combustível do painel não funcionava, mas pela média de consumo sabíamos a quilometragem que rodaríamos com um tanque cheio.

A estrada passava por dentro de uma vila com no máximo 15 casas, e em três delas havia placas indicando que se vendia gasolina. Me segurei para não rir quando o dono do “posto” tirou o chapéu de palha, coçou a careca e perguntou para o Zagaiase ele queria comum ou premium. Só havia um barril dentro da casa de barro.

Na saída da vila, um policial nos parou. Eles nos paravam sempre. Alguns por “lembranças do Brasil”, outros para revirar tudo com cães farejadores, e uns sem motivo nenhum. Na Guatemala, o soldado sinalizou de cara fechada para encostarmos no acostamento, e sorridente falou que só queria ver de perto aquele carro, o carro do Scooby Doo.

Não poderíamos continuar sem para-brisa.

- Senhor, o vidro acabou de quebrar na estrada – eu via pelo retrovisor Emilio balançar os braços ao falar, fora do carro.
- Deviam ter chamado um guincho.
- Não havia grua por perto e não temos telefone.
- De onde você é?
- Do Brasil.
- E por quê o carro tem placa da Costa Rica?
- Eu comprei no México, de uma família argentina que tinha saído da Costa Rica.
- Então vocês são brasileiros viajando pelo Peru com um carro da Costa Rica comprado de um casal de argentinos no México?
- Sim.
- Vai, vai, e arruma esse vidro.

Os montes nevados no horizonte eram pano de fundo da cidade sob qualquer ângulo. O cenário era bonito e renderia boas imagens, mas ficamos só uma

noite em Arequipa, nosso dinheiro estava acabando e tínhamos que correr se quiséssemos chegar ao Brasil.

- Pô, tivesse tempo dava pra ter ido visitar aquele vulcão que tinha lá...

- Tô tranquilo de vulcão. Até isso a gente já fez nessa viagem, Felipão. Se essa Kombi não tivesse dado problema em León, nem passaríamos perto de Manáguas. Mais que o vulcão, valeu ter conhecido aquele mecânico. Nos levou pra casa dele e ainda nos deu um dínamo que nos custaria cem pratas.

- Pois é, cem dólares dá pra rodar o Equador inteiro de Kombi.

- Umas vinte vezes.

Além da gasolina a menos de um real por litro, não pagamos nada para entrar no país, os pedágios custam cinco vezes menos do que na Colômbia, onde estávamos antes, e as estradas equatorianas são as melhores da América Latina. Passamos sete dias no Equador. Um na capital Quito, onde dormimos em um estacionamento, e seis em Cuenca, onde ficamos na casa de Alfredo e Mari.

Quando chegamos, liguei para um amigo equatoriano e avisei que estava na sua cidade natal. Ele mora em Nova York, mas seus tios nos ofereceram teto pelo tempo que fosse necessário para arrumar a Kombi mais uma vez.

Alfredo era professor de engenharia mecânica na Universidade de Cuenca, pai de família e aventureiro. Logo que chegamos, mostrou as fotos antigas que tinha nos topos de todas as montanhas nevadas do Equador. Muito mais altas do que os 2800 metros que nos negaríamos a subir em Machu Picchu, um dos sonhos do senhor de 60 anos. O outro já havia realizado. Viajara com a esposa para Cabo Canaveral, nos Estados Unidos, para ver se o lançamento dos foguetes da NASA eram como imaginava quando adolescente.

- Aquele tiozinho era demais. Lembra o tanto que ele gostava da mulher?

- Sim, nos levou até a montanha onde pediu ela em casamento.
- Cuida a placa ali, vê quantos quilômetros faltam.

Chegaríamos a Santiago, no Chile, em poucas horas. Emilio havia desistido de passar por Bolívia e Paraguai. Faltaria dinheiro e as estradas eram piores do que se entrássemos no Brasil pelo Uruguai. A Kombi não podia quebrar mais.

A foto que queria no deserto de sal boliviano, que comentava desde o México, foi tirada no salar de San Pedro do Atacama. A cidade, no meio do deserto, parece um cenário de western americano. Mas com restaurantes chiques entre as ruas de terra e os preços mais altos que vimos durante os oito meses fora do Brasil.

Vínhamos de Taltal, uma cidade de 11 mil habitantes no litoral norte chileno. Ficamos três dias na casa do único brasileiro do lugar. Juvenaldo, que vende caipirinhas, sorvetes, crepes e milkshakes na praça, ao som de Bezerra da Silva, gostaria de voltar ao seu país, mas não pode. Alguém tinha que cuidar da esposa e do enteado, que moravam com ele, na casa que construiu sozinho com tábuas de compensado e cortiça.

- O Juvenal era muito misterioso, brother. Alguma coisa ele não quis me contar. Mas gostava da gente.
- Falando em contar, fala aí de uma vez: qual a opinião da sua irmã Adriana que você diz que compartilha sobre mim?
- Que você é um cara legal. Mas feiiiiiiinho, coitado.

Estávamos em Santiago depois de várias histórias. Era o extremo sul da expedição. Agora, cruzaríamos a cordilheira para a Argentina, em direção ao Brasil.

13 - Brasil

Antes de pegar a mala na esteira do desembarque do aeroporto, caminhei até o portão para ver se alguém me esperava. Mariana não estava lá, e ela não era de se atrasar. Tinha certeza que apareceria antes que a minha bolsa vermelha.

Abri o bolso lateral e tirei os brincos que tinha comprado para ela na Costa Rica, única lembrança que eu trazia da viagem, além das fotos. Mochila nas costas, bolsa no ombro, saí sorrindo pelo portão. Ninguém. Caminhava pelo saguão em direção aos táxis quando ouvi um grito às minhas costas.

Ela veio correndo e pulou para me abraçar. Larguei bolsa e mochila no chão e...

- Acorda, seu cansado!

Emilio batia com o nó dos dedos na parte de baixo da minha cama. Fazia quatro graus pela manhã em Mendoza, na Argentina. Abri o zíper da lona e, do segundo andar da Kombi, vi o único funcionário do posto de gasolina sentado em uma cadeira de praia, roncando. Estava amanhecendo, não eram nem seis horas.

Somando as duas horas na fila da aduana e na inspeção, levamos oito para ir de Santiago a Mendoza. A cordilheira dos Andes, que temíamos pelo frio e pela altitude, foi um desafio pequeno para o que aquela Kombi havia feito.

Depois de três dias de turismo na capital do Chile, Emilio desistiu de encontrar um mecânico para revisar o carro e decidiu tentar a sorte. Subiríamos os 2800 metros de uma vez, não havia o que esperar.

A subida não era íngreme e, apesar do gelo à beira da estrada, não fazia frio. Coloquei o casaco sobre a camiseta de manga curta só para a foto, com a Kombi em primeiro plano em frente aos nevados. Crianças desciam de esqui quase até o asfalto e um teleférico passava por cima da rodovia. Brasileiros gritavam e

acenavam lá de cima, apontando para a Kombi. Em duas horas cruzamos a cordilheira.

Mendoza é uma cidade charmosa. Nunca fui para a Europa, mas deve ser parecida com Mendoza. As mulheres caminham elegantes, com sobretudos e botas. As folhas dos plátanos que cobrem as ruas tem a cor amarronzada do outono. À noite, as calçadas do centro ficam cheias com os clientes dos bares. É a cidade do vinho, e deixamos a garrafa pela metade antes de irmos dormir na noite anterior, às oito.

Faltava pouco. Mais 1800 quilômetros e chegaríamos ao Brasil. Emilio queria chegar. Sentia saudades dos pais, da chácara onde passara apenas dois dos últimos dez anos. Era hora de ficar um tempo com eles. Pelo menos até a próxima viagem.

Não fazia mais as brincadeiras que me incomodavam, não cobrava mais tanto zelo com o carro. Nem na pior discussão me jogou na cara o óbvio, a verdade: eu só estava ali porque ele sonhou com tudo aquilo. E com todos os problemas, muito por causa deles, havia sido uma grande viagem.

Ele desceu da Kombi, em Rio Cuarto, e antes de fechar a porta um homem parou a sua frente. “Eu ainda vou contar para os meus filhos sobre o dia em que caminhava na rua e encontrei dois brasileiros em uma Kombi, procurando um lugar para tomar banho”, diria dois dias depois.

Paula abria uma garrafa de fernet quando Diego chegou com os dois brasileiros. Escutou desconfiada a história da Kombi, não é todo dia que se abrigam desconhecidos. Mas bebia rápido como o marido e, ao final do segundo copo, ria da minha queda na fossa em El Salvador.

- *Brasileño pecho frio!* Bebe mais! – Diego gritava, batendo no peito quando recusávamos.

Foi tanta bebida que duas horas depois de se conhecerem, Emilio e Diego disputavam uma queda de braços na mesa da cozinha. E como toda conversa

entre bêbados, pelo menos as minhas, o assunto foi do futebol ao sentido da vida.

– Só não venham me dizer que o Neymar é melhor que o Messi, e muito menos que o Pelé é melhor que o Maradona. Imagino que deve ser difícil para os brasileiros, a vida não é fácil e vocês tem que inventar as alegrias. Aqui nossa vida também não é fácil, tem que trabalhar muito. Fala isso pro Neymar: tem que trabalhar muito.

Diego, 26, e Paula, 28, há tempo não se divertiam tanto. Ela queria ir à festa a duas quadras de casa desde a última partida de rugby do time do marido, mas as contas tinham aumentado no último mês.

- Vamos lá que hoje é por nossa conta. Pra comemorar o dia do amigo – Emilio bateu, depois de virar o resto da bebida, com o copo na mesa.

Diego se emocionou ao se despedir de Emilio, no dia que deixamos Rio Cuarto. Não era a primeira vez que aquilo acontecia, na Guatemala foi igual. Don Victor, o velho ranzinza do primeiro dia, chorava ao abraçar o Zagaia, depois de três semanas.

- Voltem a qualquer hora, quando quiserem, garotos. Vocês têm uma família na Guatemala agora. – disse Victor antes de pegar a cachorrinha no colo e olhar para ela, desviando o olhar para esconder o choro.

Aqueles encontros não tinham só a ver com a Kombi. Emilio tinha uma ligação maior com Victor, Juan, Julinho, Pancho, Renê, Diego. Talvez por ser mais velho, ou pela sinceridade ao pedir ajuda. Não faz rodeios, todo mundo sabe o que ele quer. Não faz para agradar e conseguir favores. Emilio era o amigo que Victor não tinha há mais de 20 anos. Conversavam sobre o Brasil, sobre os Estados Unidos, sobre mulheres, sobre motores. Escutava calado antes de

responder, não esperava simplesmente sua vez de falar. A vida daquela família havia mudado em 21 dias, da forma que a do casal de Rio Cuarto mudou em dois.

- Temos pouco dinheiro, mas o encontro com vocês nos fez lembrar que felicidade também é compartilhar esse pouco com os amigos, esquecer os preços e lembrar do valor das amizades. Estávamos precisando disso.

Diego e Paula observaram a Kombi chegar ao final da rua e dobrar em direção à rodovia. Quando desapareceu, se beijaram e voltaram para dentro de casa. Felipe e Emilio iam para Rosário, cada vez mais perto.

Ficaram um dia na cidade, na casa de um casal de amigos de Emilio. Lhes indicaram entrar no Uruguai pela fronteira de Salto, mas Felipe queria conhecer Buenos Aires.

O dinheiro que tinham era apenas suficiente para chegar ao Brasil, não ficariam mais do que um dia. Emilio foi até a estação do *ferry boat*, no distrito de Puerto Madero, e Felipe saiu para caminhar por Palermo e San Telmo. No dia seguinte, Emilio colocaria a Kombi no navio que os levaria, desta vez com todo conforto, até Colônia de Sacramento, no Uruguai.

Felipe não acreditava que estava chegando. Passou rápido demais. Levaram seis meses para cruzar a América Central, e apenas dois para a América do Sul. Dezenas de brasileiros berravam na fila para o embarque. Estavam em casa, o Brasil era logo ali, depois de tanto tempo. Queria ver minha mãe, meus avós, meus irmãos. E a Mari, mais do que nunca.

A burocracia na aduana do Uruguai foi mais demorada que a viagem de uma hora pelo Rio da Prata. Emilio caminhou do porto até o centro (uma distância menor do que parece) para retirar o seguro obrigatório. Agora era só encontrar a casa do William.

Colônia parece uma cidade pequena do interior gaúcho. Sem prédios, construções antigas, ruas com calçamento de pedra, poucos carros e, mesmo com as crianças brincando na calçada, silêncio. Era uma cidade

pequena, com 22 mil habitantes, dessas onde é só perguntar para alguém, na rua, onde mora o William. Emilio estacionou na frente da casa com pintura acinzentada, desceu e tocou a campainha. O senhor de 70 anos abriu a porta e olhou alguns segundos até reconhecer.

– Malaaaaaaaaaaaaaaaaandro! – abraçou Emilio, sorrindo.

Estava frio e William os convidou para entrar. Foi devagar até a sala, se sentou na poltrona e encostou suas muletas na lareira. Era forte, talvez pelo esforço de andar havia quinze anos com os apoios. Um acidente de moto quando tinha 20 o incomodaria a vida inteira e ele perdera a perna esquerda depois de lutar por décadas contra a amputação.

Enquanto ainda estava claro, Felipe e Emilio saíram para conhecer a cidade, gravar a Kombi subir e descer ladeiras em frente ao mar, e jantar. Na televisão do restaurante, começava a transmissão da cerimônia de abertura dos jogos olímpicos, que assistiriam na casa de William.

Emilio o conhecera em Tulum, na época em que comprou a Kombi. A filha dele, Mariel, é modelo em Cidade do México e passava suas férias no Caribe com o pai. Namoraram por um mês e ele ficou amigo do sogro, de quem ouvia pedidos para que casasse com sua filha.

Quando voltamos, o dono da casa nos esperava com visitas.

– Eu não sei quanto tempo vocês vão ficar, então resolvi improvisar um churrasco hoje. Aqui dentro, porque lá fora tá muito frio. – falou mexendo as carnes sobre uma grelha na lareira.

Os dois convidados de William tinham a mesma idade e eram divorciados como ele. Um baixinho, cabelo curto, triste e, apesar de ter sempre mulheres ao seu redor, solitário. Outro careca e de bigode branco, satisfeito e conformado, que viu Emilio

concordar sorrindo quando falou que era difícil acordar todos os dias do lado da mesma mulher.

Tínhamos trocado o chimarrão por uísque havia algumas horas. William deu um gole longo e pensou bastante antes de responder.

- Só tenho a agradecer. Cada um sabe o que é melhor para sua vida, tenta ser feliz. Toda mulher tem seu valor, mas chega um ponto na vida que mil mulheres não valem uma em especial.

Dormimos dentro da Kombi, em frente à casa. No outro dia, acordei, abaixei o teto retrátil e guardei os lençóis. Coloquei dois casacos, saí da Kombi e o Zagaia estava agachado, sem camisa, mexendo no motor. Limpou a testa com o pulso e mostrou a vareta do óleo.

- Quanto a gente tem de grana, Felipe?
- Quase nada, talvez o suficiente para uns dois dias.
- Tenho que comprar óleo. Mas tamo chegando, irmão. Tamo chegando.

William apareceu com a mãe, de 89 anos, para apresentar a Emilio, que tinha saído para buscar o óleo.

- Pode ficar tranquilo que ele vai encontrar. Esse aí tu pode deixar no meio do deserto que ele encontra água. Nunca vi nada igual – respondeu quando a mãe disse que era domingo e ele não encontraria o óleo ali por perto.

Trocou o óleo, ligou a Kombi. Bati a tampa do motor e entrei. Dormiríamos em Montevidéu, a 180 quilômetros, mas poderia ser mais perto. Caminhamos dez minutos na maior avenida da cidade e voltamos para o carro. Direto até Puntadel Leste.

Ventava frio, o que nos apressou no nosso passeio pela cidade. Com a cuia e a erva que havíamos ganhado da mãe de Lucho, em Rosário, eu tomava um chimarrão enquanto Emilio fotografava o monumento

ao afogado, uma escultura de uma mão gigantesca saindo da areia de uma das praias.

O planejamento acabara em Colônia. Não sabíamos onde dormiríamos e o cartão de viagem estava zerado, sem nem um peso. A gasolina era muito cara no Uruguai. Emilio havia acabado de pegar o desvio para a praia de La Paloma, quando fez, de cabeça, o cálculo de quanta gasolina ainda tínhamos. A Kombi parou.

- Acabou a gasolina? – perguntei.
- Não, mas vamos voltar e tocar direto, senão amanhã não vamos ter como abastecer nem comer.

Diminuí o volume do rádio e dirigia com os olhos firmes na estrada.

- Reza, Felipe, reza!

Juntamos moedas para colocar dois dólares de gasolina, o suficiente para chegarmos ao Chuy, última cidade do Uruguai antes do Brasil.

- E agora, meu Deus, e agora?!

O Chuy uruguaio é misturado com o Chui brasileiro, com placas em espanhol e português. Conseguimos chegar a tempo, antes dos bancos brasileiros fecharem. Passamos na aduana e a Kombi, emplacada na Costa Rica, não poderia entrar no Brasil sem toda a burocracia de importação.

Saquei o suficiente para comermos bem em um restaurante, tínhamos que decidir o que fazer, não tínhamos dinheiro para, e nem como, levar a Kombi até Londrina. Eu estava acabando de jantar e o Zagaia não tinha nem tocado na comida.

Conversávamos sobre os problemas quando o garçom do restaurante nos interrompeu.

- Vocês tão com problema pra entrar, né? Eu ouvi vocês falando. Acho que aquele casal ali pode ajudar.

Nádima e Ulisses González vivem há 50 anos em Santa Vitória do Palmar, cidade vizinha ao Chuí. Ele engenheiro, ela presidente de uma ONG que cuida de cachorros de rua. Naquela terça-feira, jantariam em casa, como sempre fazem, mas decidiram ir ao restaurante onde levavam os filhos, no Chuy.

Era 31 de julho e nada era como havíamos imaginado. Em Tulum, falávamos em uma chegada com festa. Mas depois de seis meses de estrada, a Kombi ficaria no Uruguai, na casa de um dos filhos de Ulisses e Nádima. Emilio dirigia devagar, não queria a despedida. Passava a mão no painel como se fizesse carinho em um filho, e saiu calado, caminhando de costas, quando estacionou a Kombi naquela garagem. O portão fechou, a viagem havia acabado.

O casal nos acolheu aquela noite e no outro dia embarcamos no ônibus para Porto Alegre.

14 – Ela

A família Gonzalez ficaria com a Kombi até que juntássemos dinheiro para terminar a viagem. Eles nos levaram até a rodoviária, voltaríamos mesmo sem ela. No caminho, Emilio dormia e eu pensava em abraçar a minha mãe, beijar minha namorada, conversar com meus avós, brigar com meus irmãos. Refiz toda a viagem na minha cabeça, de Tulum ao Brasil. Conhecemos pessoas incríveis. Queria voltar e dividir um peixe com o Renê, no México; comer no chino com o Ty, em Belize; andar de Fusca com Karlita e Panchete, me emocionar com Victor, Wendy, Junior e ver que a Cidade da Guatemala nem é tão perigosa assim; jogar poker com John na casa do Remi e da Ana Cecília, conversar com um pirata no Panamá; reunir as Kombis na Colômbia; conhecer a história do Seu Alfredo, no Equador; ir para o bar com um motoqueiro mucho loco, no Peru; fazer festa com Diego e Paola, na Argentina; comer um assado com o William, no Uruguai. Depois, seguir viajando com Emilio Zagaia, um cara que entende muito sobre ser feliz.

Fiquei três dias na casa da minha mãe e fui embora sem nem ver meus avós. Eu precisava dela, de um abraço e um sorriso. Ouvir a voz sair da boca dela, e não através da caixa de som de um computador. Tinha que voltar o quanto antes, e fiz meu irmão comprar uma passagem de avião para Florianópolis no dia em que eu cheguei.

E antes de pegar a mala na esteira do desembarque do aeroporto Hercílio Luz, caminhei até o portão para ver se alguém me esperava. Lá estava ela. Acenou e sorriu com timidez, sem mostrar os dentes. Voltei, busquei minha bagagem, elarguei tudo em frente ao portão para correr para o abraço.

Por cinco segundos, entendi o que é felicidade. Havia valido a pena esperar, sem pressa de chegar. Reuni Renê, Julinho, Wendy, Victor, Lucho, Majo, Emilio e todos os outros em uma só foto, na minha cabeça.

Ela se esforçava para manter aquele abraço, não duraria muito. O tempo passa, as coisas mudam. A viagem nunca termina.

